PLACAR

ED. 1504 OUTUBRO 2023 R$15,00
7 893614 112862

DE R$ 25,00 POR:
R$ 15,00
POR TEMPO LIMITADO

VIVA O DINIZISMO!

A classificação do Fluminense para a final da Libertadores consagra o futebol prático de Fernando Diniz. Mas atenção, porque o Boca é osso duro de roer...

ESPECIAL

Os 70 anos de Zico contados por PLACAR (e por ele mesmo)

MALUCO, EU?

No Cuiabá, Deyverson vive sua melhor versão – divertido, mas sem as polêmicas de antes

ESTÁ NOS PÉS DO ÍDOLO RENATO AUGUSTO A MISSÃO DE RECONSTRUIR O CORINTHIANS DEPOIS DE UM PÉSSIMO 2023 – E EVITAR O DESASTRE NO BRASILEIRÃO

E AGORA?

O JOGO DA VARIEDADE

Um é calado, quase melancólico, de poucos sorrisos. O outro gosta de falar, é só alegria e não se cansa de gargalhar. Não haveria jogadores mais apartados do que Renato Augusto, do Corinthians, e Deyverson, do Cuiabá. A redação de PLACAR achou que seriam excelentes personagens para ocupar as páginas de uma revista que preza, desde 1970, pela variedade de histórias e personalidades. Coube aos repórteres Klaus Richmond e Leandro Miranda entrevistá-los, em momentos separados. Vale a pena saber o que Richmond e Miranda observaram das conversas.

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

Olho no olho, de Klaus Richmond e Leandro Miranda com Renato Augusto (a esq.) e Deyverson (embaixo, à dir.) e Luiz Felipe Castro com Zico: as mais completas entrevistas da imprensa esportiva brasileira são as de PLACAR, feitas com inteligência e humor

"Renato Augusto é um daqueles fora de série que sempre quisemos entrevistar. Ele chegou sério ao local reservado para a entrevista no CT Joaquim Grava. Cumprimentou cada um dos presentes com educação e emudeceu, como uma criança pronta a obedecer qualquer orientação. É mais tímido ou reservado, depende da leitura, mas foi profundo a cada análise. No meio da entrevista, em uma breve pausa para ajuste de câmera, teve a delicadeza de perguntar: 'Estou falando muito? Querem que eu seja mais objetivo nas respostas?'. Claro que não, Renato. Ele fala, assim como joga, bem distante do lugar-comum. Fez análises profundas de tudo, tocou em temas sensíveis ao futebol. Foram quase duas horas, contando ensaio fotográfico e produção para redes sociais. Não reclamou um 'a' sequer. Chegou ao entardecer e foi embora já de noite."

"Deyverson nos encontrou de boné para o lado, tênis com detalhe dourado-reluzente, sorridente e mexendo com todos que passavam pelo caminho do hotel em que o entrevistamos em Atibaia. É genial, também, mas de outra forma: pela sinceridade de criança. Riu o tempo todo, abraçou os jornalistas em meio às respostas, chorou, brincou, atendeu uma ligação telefônica durante a gravação. Voltou pedindo desculpas – sempre regado por risos. Desejou melhoras para pessoas que estão doentes, admitiu falhas, provocou Gabigol... Na hora das fotos, trocou a camisa, de improviso. Um legítimo e agradável menino maluquinho."

Como de hábito, de conversas bem conduzidas, brota a riqueza de detalhes, a minúcia e o invisível, aquilo que raramente vem à tona. Aqui em PLACAR, portanto, Renato Augusto e Deyverson se desnudaram como nunca, em depoimentos que darão o que falar. Ah, e tem uma cereja no bolo: um bate-papo exclusivo do editor Luiz Felipe Castro com Zico, o genial Galinho de Quintino do Flamengo e da seleção, figura incontornável que PLACAR viu crescer e aparecer.

* * *

Falamos de variedade aí em cima, não é? Em nome da escolha de temas ricos e diferentes, a edição deste mês de PLACAR vem com outras três joias. O titã Charles Gavin – que chegou a passar em uma peneira no São Paulo e só não seguiu em frente porque o pai, corintiano, preferiu não pagar para ver – escreveu um artigo que já nasce clássico, em defesa da diversidade e igualdades de direitos para todos. Ele parece

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

tratar de esporte, da paixão pelos clubes, mas mexe mesmo é com as coisas da vida fora de campo. Vá até a pág. 64 para rir e se emocionar.

É o que pretende uma outra exclusividade de PLACAR, de imenso sucesso no site da revista há três anos, com mais de 150 textos: a coluna do *Comentarista do Futuro*, criada e escrita pelo jornalista carioca Claudio Henrique, um craque de soluções inesperadas. Quando a pandemia de Covid-19 paralisou o planeta, interrompeu os campeonatos e fechou os estádios, as emissoras de televisão tiveram de ocupar os horários nas grades com partidas antigas. A "sacada" foi passear pela memória do esporte – e lá foi o cronista de volta ao passado, como se publicasse o texto na época dos jogos de ontem, mas dando *spoilers* sobre o futuro. "É como se fosse um espelho retrovisor diferente, que olha o passado para enxergar o futuro", diz Claudio Henrique. E, invariavelmente, um fato recente inspira a escolha do momento visitado, com a ajuda de uma máquina do tempo. Vá lá, na pág. 53 – ou no site, claro –, para acompanhar a inigualável brincadeira, em texto bem escrito e bem-humorado. É fino. Desta vez, o *Comentarista* foi a 1993, para seguir Radar 1 x 0 Bangu no futebol feminino, que terminou em pancadaria. Uma aula de história e de grito contra o preconceito. Vale a pena.

E por fim, mas não por menos, saboreie o passeio do poeta e jornalista (bom de bola, de verdade) Hélio Alcântara em torno de uma das fotografias mais celebradas de PLACAR, feita por Ronaldo Kotscho, o "Alemão" – a do suor a pingar do rosto do lateral-esquerdo Vladimir, do Corinthians dos anos 1970 e 1980, o atleta que mais vestiu as cores do time do Parque São Jorge *(leia na pág. 62)*. Alcântara foi escolhido com cuidado. Ele é autor do livro *Wladimir – O Capitão da Democracia Corintiana*. Obrigado por ter PLACAR sempre a seu lado, e até novembro. ■

ÍNDICE

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

Cano: artilheiro letal do Flu marcou 12 gols na campanha da Libertadores

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

Equipe Score:
CEO: Gustavo Leme
Editor: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Leandro Miranda
Diretor Comercial: Sandro Santos
Planejamento: Marcos Ramos
Mídias sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni e Gabriel Rodrigues
Estagiário: Fábio Kimura
Revisão: Renato Bacci

Equipe Abril:
Redator-chefe: Fábio Altman
Kaio Figueredo (pesquisa de fotos)

Colaboraram com esta edição:
Gabriel Grossi (edição de texto) e Guilherme Azevedo

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar - Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

PLACAR 1504 (EAN: 789.3614.11286-2), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuida em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

ALEXANDRE BATTIBUGLI

VIVA O NOVO CAMPEÃO DE TUDO

Pouco importam os 88,7 milhões de reais em prêmios recebidos pelo título da Copa do Brasil de 2023 – além dos 24 milhões de reais da renda do Morumbi, no empate em 1 a 1 com o Flamengo, que garantiu a conquista. Vale mesmo, para a história, uma constatação: o São Paulo é o único time do Estado a ter conquistado tudo, mas tudo mesmo (assim como o Inter havia feito ao vencer a Sul-Americana de 2008). Palmeiras, Corinthians e Santos já haviam alcançado a glória na Copa do Brasil, mas, por outro lado, jamais venceram a Sula, torneio que o tricolor faturou em 2012 e no qual chegou à final no ano passado, sob o comando de Rogério Ceni. No caso do Verdão, o Mundial de Clubes é outra competição que falta em sua galeria de títulos. Símbolo maior do torneio, o treinador Dorival Júnior escreveu um belo momento do esporte. Dispensado sem mais nem menos do rubro-negro carioca logo depois de levar a Libertadores do ano passado, ele deu o troco, calmo e sorridente. E ficará eternizada a imagem dos jogadores do Fla, ao fim da partida final, no histórico domingo paulistano de calor infernal, beijando e abraçando o antigo chefe. Parabéns, São Paulo!

PROCURE NAS BANCAS O PÔSTER DE PLACAR DO CAMPEÃO

CALMA AÍ, DEVAGAR COM O ANDOR

Ao marcar duas vezes na goleada do Brasil contra a Bolívia por 5 a 1, em 8 de setembro, Neymar chegou a 79 gols pela canarinho em partidas oficiais – e, na contagem celebrada pela Fifa, passou Pelé, autor de 77 gols. Há um truque estatístico a favor do camisa 10 do Al-Hilal, da Arábia Saudita. Mesmo que se considerem apenas os jogos oficiais, a média do ex-menino Ney é de 0,63 para cada 90 minutos. A de Pelé é de 0,84. Neymar, insista-se, está atrás também de Romário (média de 0,79) e Zico (0,68). Iguala-se a Ronaldo (0,63). Na contagem, comemorada nas redes sociais, a cartolagem internacional descartou 22 partidas e 18 gols do Rei do futebol. Pode soar natural, aos olhos de hoje, eliminar confrontos sem relevância alguma – convém lembrar, contudo, que nos anos 1960 alguns duelos fora de campeonatos eram muito mais difíceis e muito mais bem pagos, ressalve-se, do que enfrentar selecionados de países como a Bolívia. Tudo somado, na ponta do lápis: não se pode, é claro, diminuir a qualidade do 10 da canarinho de hoje como jogador de futebol, mas listar números em vão de modo a têlo no patamar de Pelé é exagerado, para dizer o mínimo.

CARL DE SOUZA / AFP

"NÃO QUERO SER UM PESO"

RENATO AUGUSTO VIU O CORINTHIANS NAUFRAGAR NA ATUAL TEMPORADA. ÍDOLO DA TORCIDA, O CAMISA 8 AGORA TEM SOBRE OS OMBROS A RESPONSABILIDADE DE CONDUZIR A EQUIPE A UM FIM DE ANO HONROSO – MESMO SEM SABER COMO SERÁ SUA RELAÇÃO COM O TIME EM 2024

Por: Klaus Richmond e Leandro Miranda
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

"Eu te amo, c***". O romantismo explosivo eternizado por Renato Augusto na Neo Química Arena, em 25 de julho deste ano, expôs aquilo que quase todos já sabiam: há amor recíproco entre o craque e o Corinthians. Um registro regado ao mais puro corintianismo: de braços abertos, olhos bem arregalados, cara de louco e frente a frente com a fiel. Mas como dá voltas o futebol...

Vinte e dois dias depois de marcar dois gols diante do rival São Paulo, pela semifinal da Copa do Brasil, ele e o Timão já precisavam recolher os cacos pela eliminação no torneio nacional. E então, 48 dias mais tarde, o camisa 8 caminhava pelo gramado da Arena Castelão cabisbaixo por outra derrota: dessa vez para o Fortaleza, que tirou do Timão a chance de disputar uma inédita decisão da Copa Sul-Americana. Renato parou somente por um breve instante, em frente aos pouco mais de 4.000 corintianos presentes à capital cearense.

O cenário do alvinegro, agora, é quase apocalíptico, às portas de uma eleição que já conta com diversas trocas de farpas públicas, e sem certeza sobre o futuro de boa parte do elenco, Renato Augusto incluído. Até mesmo a participação na próxima Copa do Brasil em risco, e depende de seus próprios resultados e de rivais – devido às novas regras de classificação da CBF.

Renato quer ajudar, espera ficar. Mas sobram incertezas. "Eu não quero ser um peso, entende? Enquanto eu ainda estiver entrando no campo e entregando aquilo que o clube quer, vou jogar. Hoje dá, [para seguir]", disse em entrevista à PLACAR, pouco antes da partida que culminou com a última eliminação na temporada.

O ex-atacante e ídolo da Fiel Walter Casagrande Júnior garante ser muito fã de Renato, mas vê necessidade de mudanças. "Ele não tem culpa pela situação do time. Acho que já é um dos grandes da história do Corinthians, mas não dá para estar sempre no departamento médico ou sendo poupado. Para o ano que vem, deveria ter um contrato de produtividade e sem que o time dependa dele porque, senão, não tem como reconstruir", avalia.

Aos 35 anos, Renato Augusto tenta ser a fortaleza que o Timão precisa para afastar o fantasma do rebaixamento no Brasileirão e provar que nem tudo é terra arrasada. O dilema está posto diante do ídolo.

Renato Augusto: aos 35 anos, uma mente ainda brilhante no futebol brasileiro

DIGO AO POVO QUE...

Sua relação com o torcedor parece um pouco diferente da dos demais. Concorda? Sempre tem um ou outro jogador que sofre uma pressãozinha maior. Faz parte do tamanho do Corinthians. Mas, se eu estiver fazendo bem o meu trabalho, o torcedor sabe ver. Mesmo na derrota. A vitória, às vezes, mascara algumas coisas, não mostra realmente o que aconteceu. Não fui tão bem em alguns jogos, mas fiz um gol ou dei um passe – e parece que me saí bem. Sou um cara muito autocrítico. Em alguns momentos, faço um grande jogo tático, com leitura, cobertura, puxando bola de profundidade para abrir espaço para os companheiros, mas o torcedor não vê. Procuro passar isso para os mais jovens: "Não acreditem em todas as críticas, mas também não aceitem todos os elogios".

Qual é a sua projeção de carreira hoje? Dá para jogar dois anos ainda? O meu corpo vem me surpreendendo. Lembro que, em 2013, chamei o Bruno [Mazziotti, fisioterapeuta] e falei: "Acho que vou parar, velho. Eu não estou aguentando mais, muita dor no joelho". Pensei em jogar mais uns dois anos fora para fazer um dinheiro. Eu tinha 25. O Bruno olhou para mim e começou a rir: "Você está maluco? Vai voltar para a seleção". Aí fui eu que comecei a rir. Estava sem conseguir treinar, como é que ia para a seleção? Ele falou: "Você vai ver". Fizemos todo o trabalho de recuperação e as coisas foram surgindo: minha volta à seleção, o Campeonato Brasileiro de 2015, até jogar uma Olimpíada e uma Copa do Mundo. "Com 28 anos eu paro", pensei. Depois: "Acho que dá para ir mais, estou me sentindo bem, jogando em alto nível". Cheguei aos 30, 31, 32 anos... Hoje não tenho um pensamento sobre isso. Meu contrato acaba no fim do ano. Se por um acaso fizermos dois anos [de renovação] e não der certo, vou chamar o clube e dizer: "Para mim já deu, obrigado. Vamos ver uma outra etapa agora". Não quero ser um peso, entende? Enquanto eu ainda estiver entrando no campo e entregando aquilo que o clube quer, vou jogar.

RODRIGO COCA / AGÊNCIA CORINTHIANS

Meia é um fio de esperança no conturbado momento vivido pelo Timão em 2023

UMA CARREIRA VENCEDORA

FLAMENGO
2005-2008

Jogos: **90**
Gols: **9**
Títulos: Copa do Brasil 2006 e Campeonato Carioca 2007 e 2008

BAYER LEVERKUSEN
2008-2012

Jogos: **126**
Gols: **12**
Título: nenhum

CORINTHIANS
2013-2015 e 2021-2023

Jogos: **227**
Gols: **27**
Títulos: Campeonato Paulista 2013, Recopa Sul--Americana 2013 e Campeonato Brasileiro 2015

BEIJING GUOAN
2016-2021

Jogos: **150**
Gols: **40**
Título: Copa da China 2018

SELEÇÃO BRASILEIRA
2011-18

Jogos: **38**
Gols: **6**
Título: Olimpíada 2016

*NÚMEROS CONTABILIZADOS ATÉ O FECHAMENTO DESTA EDIÇÃO, EM 9 DE AGOSTO DE 2023

DARYAN DORNELLES

No Flamengo, os primeiros passos: o craque que ia para os treinos de metrô e ônibus em 2007

A ideia é renovar, portanto, por duas temporadas? Não tem nenhuma conversa. Deixamos em aberto, até porque tem eleição. É um ano diferente do normal. Então não fui nem procurado. E nós vamos ver o que vai acontecer. Eu só não quero ser um peso, principalmente aqui, por toda minha história, por tudo que vivi. Esse era um medo quando voltei. Como tinha ficado praticamente oito meses sem jogar e, na época, já tinha 33 anos, falei: "Vou voltar para um clube onde eu tenho uma história bonita, onde conquistei coisas. E se eu não conseguir voltar no nível que o torcedor espera?".

Há fortes críticas ao desempenho de jogadores experientes como Fábio Santos, Fagner, Gil, Romero... É o fim de uma geração? Vai chegar uma hora em que cada um vai seguir seu caminho. Uns vão parar, outros vão mudar de clube. É natural. Acho que às vezes a cobrança passa um pouco do ponto, como aconteceu com o Gil em Belo Horizonte. Mas, como sempre falo: futebol não dá tempo para ficar lamentando as coisas. Então não adianta ficar aqui: "Ah, porque ele falou isso para mim". Não tem muito sofrimento quanto a isso, entendeu? Sabemos, nós, os mais velhos, que a responsabilidade é nossa, realmente. Ganhando ou perdendo, quando chegar a torcida aqui, quem vai conversar somos nós. Temos que assumir essa responsabilidade. E daqui a algum tempo os mais jovens de agora vão ter que fazer esse papel para outros que surgirem.

Considera as críticas justas? O futebol mudou muito, né? Hoje você vai pegar praticamente todos os jogos e o maiores números [de estatísticas] do time são os do Fábio Santos: distância, velocidade... Cara, praticamente tudo é o Fábio. Só que a responsabilidade vai ser sempre dos mais velhos, não tem muito para onde correr. Se sai um gol, se a gente perde. Isso faz parte, né? É como eu falei: pode ser que em um momento alguns jogadores saiam daqui e o pessoal vai falar: "P***, sinto falta agora desse cara". É assim, é torcer para que, quando a gente sair, possam surgir ou chegar aqueles que assumam também essa responsabilidade e elevem o nome do clube.

Você só jogou cerca de 50% das partidas esse ano... Ninguém consegue jogar todos os jogos. Infelizmente, o calendário é desumano. Eu me preparei para um ano diferente, queria conquistar um título. Por isso me condicionei muito para o Paulista, mas há fatalidades que não conseguimos prever. Em uma bola simples, fui tocar e o meu joelho rodou. Por tudo que eu já vivenciei, tentamos segurar [a cirurgia]. E no jogo em que eu volto, acontece outra fatalidade [lesão de menisco]. Aí não tem o que fazer, vamos operar. Por isso que números às vezes te induzem. Só olhar o número frio é muito pouco. Aí vem o jogo do Galo. Óbvio que não tinha condições de jogo, não estava 100%, mas é um jogo de vida ou morte, né? Conversei com o Vanderlei [Luxemburgo]. Ele queria correr o risco e eu me propus, também. Achei que naquele momento valia mais me entregar ao clube do que realmente pensar em mim. Depois daquele primeiro problema eu tive que tentar me readaptar, e agora pago um pouco o preço disso. Não consegui uma sequência muito grande, mas procuro entregar aquilo que o time precisa, potencializar os outros atletas. Foram menos jogos, mas fui um cara mais importante. Consegui fazer um pouco mais, apesar de ter jogado menos.

CAPA

ÍDOLO, SIM!

O ESTILO CEREBRAL E TRÊS TÍTULOS PELO CLUBE FORAM SUFICIENTES PARA ALÇÁ-LO AO PATAMAR DE UM DOS MAIORES ÍDOLOS DO TIMÃO – E ATÉ SER COMPARADO COM SÓCRATES

RODRIGO COCA / AGÊNCIA CORINTHIANS

Um ídolo e uma torcida: a apaixonada química entre o Corinthians e o meio-campista

Como encara a idolatria? A idolatria é uma coisa que eu não sei explicar o que é. Se sou realmente um ídolo ou não. Eu deixo para o torcedor. Tento fazer o meu dia a dia. É claro que não é sempre que fazemos grandes jogos. É difícil, às vezes realmente parece que não encaixa, que o pé não está normal, mas eu procuro me dedicar ao máximo e potencializar o trabalho de todos os atletas. Na minha segunda passagem, apesar de não conquistar títulos, fiz bons jogos, uma boa temporada, e, por ter sido um momento muito difícil do clube, talvez tenha recebido esse carinho um pouco maior do torcedor. Voltei num momento em que ninguém acreditava mais no clube, no time, e a gente conseguiu dar a volta por cima. Tenho que trabalhar, e o torcedor vai definir se sou ídolo. Eu procuro honrar a camisa e devolver todo esse carinho que recebo, porque realmente é algo inexplicável.

Mas o que o convenceu a aceitar voltar? Ouvi propostas. Num dia, por acaso, eu estava fazendo o curso da CBF e o Duílio [Monteiro Alves] ligou. Aí eu falei: "Pô, Duílio, pode me esperar?". Ele falou: "Olha, Renato, precisava falar com você". Eu estava entrando online. Depois liguei de volta, tinha uma amizade muito grande por ter sido meu diretor. E ele falou: "Preciso de um cara que entenda do jogo, que tenha essa leitura do vestiário, que me entregue dentro do campo, que seja um líder... e esse cara é você. Vou fazer o que for para te trazer". E aí, cara, depois de sete meses em casa, receber um carinho desse, eu me senti ainda importante, sabe? "Fechado", eu falei. Receber uma ligação dessa, de um clube pelo qual tenho um carinho, em que amo estar... É a minha segunda casa.

Mas teve o Flamengo no páreo? Mexe muito com o torcedor o fato de você ter escolhido o Corinthians, mesmo tendo sido formado lá... Eu procurei ouvir propostas. E com o Flamengo existia uma paquera: "A gente te quer, a gente te quer", mas nunca nada oficial. Eu falei: "Vou esperar, vamos ver". Da forma como o Duílio me falou, não tinha como eu responder outra coisa.

Há algumas semelhanças entre você e o Sócrates. Uma das perguntas feitas a ele, numa entrevista a PLACAR em 1983, era em torno da dificuldade de uma cabeça como a dele conviver no meio do futebol. E a sua? É uma pergunta muito difícil. Primeiro, é um elogio você ser comparado a um dos maiores ídolos do clube, um cara com uma cabeça muito à frente, enfim. Você já carrega essa responsabilidade de ser comparado a ele.

Gosta dessa comparação? Gosto, mas não sei se mereço. Não sei se mereço chegar a esse patamar todo, mas é uma responsabilidade muito grande. Minha vida foi o futebol, eu nasci no futebol. Estava conversando isso ontem, eu comecei a jogar federado, coisa séria, com 6 anos. Eu vou fazer 30 anos de futebol no ano que vem, né? Profissionalmente, estreei com 17 contra o Corinthians e já tenho 18 anos de profissional. É mais tempo do que alguns de vida. Então não me vejo longe. Não me vejo fazendo outra coisa não relacionada ao futebol.

A METAMORMOSE EM CAMPO

MEIA-ATACANTE DE ORIGEM, MAS TAMBÉM PRIMEIRO VOLANTE, SEGUNDO VOLANTE, EXTREMO, FALSO 9, CENTROAVANTE... ELE É PAU PARA TODA OBRA

Você teve várias fases na carreira. Começou como meia-atacante, jogou mais aberto na Alemanha, no Corinthians foi um segundo volante... Como foram essas transições? Quando subi para o profissional, era aquele 10 clássico. Às vezes o Ney Franco me pedia para ser o volante do lado direito. Tinha 18 anos, queria jogar. Também fazia o segundo atacante. Na final da Copa do Brasil contra o Vasco joguei assim. Ali eu falei: "Tenho que aprender a jogar em outros lugares". Quando cheguei na Alemanha, não existia o 10. Eram duas linhas de quatro e dois centroavantes. Foram me botando ali na ponta, e na época eu ficava irritado: "Não é minha função, não sei fazer". Também joguei de centroavante lá. Hoje eu agradeço, porque você começa a enxergar o jogo de outra forma. Se você é o 9, está vendo todo mundo vindo. Na ponta, vê o jogo de lado. Só que, quando eu jogo de 10, eu já sei o que o centroavante está pensando, porque eu jogava assim. E assim foi, até eu jogar de volante. Já sabia todas as funções, entendi onde cada jogador gosta de receber a bola. Hoje é necessário fazer mais de uma função. As minhas lesões também me fizeram recuar um pouco mais, tive que mudar meu estilo de jogo, correr menos riscos. E quando voltei para o Corinthians esse estilo de jogo encaixou com o que o Tite estava precisando. No meio jogavam o Ralf, o Elias e eu. O Elias infiltrava muito, então eu acabava ficando um pouco mais recuado. Foi bom para mim, o time encaixou assim. Hoje, no meio do jogo eu faço outra função e volto. O tempo vai te ensinando muita coisa, é o que me prende ao futebol. É você ter essa leitura, achar soluções. É uma coisa que tem me encantado bastante.

E qual dessas funções você mais gosta de fazer? A que mais gosto é de 8. É como eu me sinto bem, é minha função mesmo, como eu gosto de jogar. E a mais difícil depende, porque tem jogo em que jogar de 9 é ruim, outros que é bom... Às vezes, o time está com muita posse e você consegue buscar lugares [para receber a bola]. E tem jogo que fica aquela bola longa e você está ali só tomando pancada do zagueiro. É muito relativo.

Como é para você ser quase um auxiliar dentro de campo? Você vai conquistando com o tempo, né? Quando eu fui para a China, tive que me adaptar, entender o jogo e às vezes ter mais paciência. Eu falava: "Como que você não está vendo essa jogada?". Eu já me irritava, e o cara não é obrigado a ver a mesma coisa que eu. Essa parte foi muito interessante para mim. E, quando eu voltei, peguei um time mais jovem, com muitos jogadores subindo, e você tem uma responsabilidade que antes não tinha, de até ser um pai dentro do campo, ter paciência, explicar, apoiar nos momentos difíceis. E nos momentos de muita euforia ter que descer às vezes o ombro do menino e dizer: "Calma, não ganhamos nada". Hoje vivo um momento muito mais de potencializar o próximo. De pegar um Yuri com calma, potencializar. O Pedrinho, o Wesley, o Moscardo. Tem que ter um pouco mais de carinho com eles.

GETTY IMAGES

Polivalente: pelo Leverkusen, quando atuava pelos lados do campo, precisou marcar um certo Messi

CAPA

VEM AÍ O PROFESSOR

NA PANDEMIA, O MEIA DESCOBRIU UMA NOVA VERSÃO DE SI FORA DAS QUATRO LINHAS. O FUTURO COMO TREINADOR JÁ PARECE TRAÇADO

RODRIGO COCA / AGÊNCIA CORINTHIANS

Renato, uma espécie de auxiliar técnico em campo: "Procuro com um assovio tentar consertar algumas coisas"

Você gosta de ver futebol pela televisão? Cara, eu nunca fui muito de ver, não gostava... Na pandemia, me deu um estalo de tudo. Eu sempre achei que seria muito natural parar e vi que não estava pronto. Nem psicologicamente, nem fisicamente. Depois dali, comecei a ver um pouco mais de jogo também porque a gente ficou muito tempo sem. Acho que comecei a dar valor a esse aspecto do futebol. Tem momentos em que gosto de falar de futebol, gosto de conversar, principalmente com alguns jogadores que têm ideias diferentes das minhas. Tenho alguns amigos jogando em outros clubes e de vez em quando a gente se fala, até para trocar uma informação. Na pandemia também comecei a fazer o curso de treinador, para tentar entender o jogo de fora para dentro, e comecei a enxergar de uma outra maneira. Talvez por isso passei a ver um pouco mais de jogos.

A meta é ser treinador, mesmo? Foi interessante que comecei a pensar coisas diferentes porque, no curso, você tem o lado do fisioterapeuta, do analista de desempenho... E aí você começa a pensar de outra perspectiva. Procurei evoluir. Por mais que seja um curso para treinador, tentei trazer um pouco para o campo. Talvez isso tenha me ajudado a ter um pouco mais de atenção com os jovens, ter um pouquinho mais de paciência.

Por que o Tite ainda não conseguiu espaço no mercado internacional? Nunca conversamos sobre isso, mas eu sou suspeito para falar. Sou um grande fã do Tite. É um cara em que me espelharia para ser treinador. Se por um acaso um dia eu realmente decidir por isso, eu gostaria de ser um auxiliar ou estar próximo para poder aprender mais como é o dia a dia. Atingi o meu melhor momento com ele. É, sem dúvida, top 3 da minha carreira. Eu falaria o melhor, mas talvez possa ser injusto com um ou com outro, então vou botar no top 3. Eu realmente não entendo o mercado, não sei como funciona.

A CBF diz aguardar para o meio do ano que vem a chegada do italiano Carlo Ancelotti. É o momento para um técnico europeu na nossa seleção? As pessoas que conheço falam muito bem do Ancelotti. Não tenho uma opinião contra ou a favor, mas digo que sou grande fã do Diniz. Gosto, acho bem interessante a forma como ele pensa. Já até falei para ele que queria entender como chega a isso. Eu sempre tive vontade de trabalhar com o Guardiola para entender de onde ele tira os espaços até chegar ao gol, o processo. São estilos diferentes. O do Guardiola é muito posicional, enquanto o do Diniz é muito livre, de realmente rodar o jogador. Mas ambos ficam com a bola. E a bola é o tesouro do jogo, ninguém faz gol sem ela. Só tem uma. Então gosto muito desses caras que querem a bola o tempo inteiro. "Ah, mas, pô, teve posse de bola e perdeu o jogo?" Sim, mas é uma coisa em que eu acredito. Não é só o resultado, é o merecimento. Você vai merecendo ganhar e uma hora você ganha. Acredito muito nesse cara que quer a bola realmente para jogar.

Está em seus planos visitar alguns deles em um futuro próximo, então? Felizmente me dou bem com praticamente todos os treinadores. Até com quem não trabalhei, como o Felipão. Dorival sempre. O próprio Diniz. São caras de que eu gosto e que têm alguma coisa para agregar. Então, mais para a frente, se eu tiver a oportunidade de acompanhar o treinamento, para aprender, com certeza vou procurá-los.

SELEÇÃO... E UMA BOLA QUE NÃO ESQUECE

CAMPEÃO OLÍMPICO E NOME RELEVANTE NO CICLO RÚSSIA-2018, RENATO AUGUSTO AINDA REMÓI O QUASE GOL DE EMPATE DIANTE DA BÉLGICA

Já deu para esquecer aquela bola para fora contra a Bélgica, em 2018? Cara, as pessoas me procuravam depois da Copa para conversar, e eu só fui falar sobre isso quando voltei para o Corinthians. Me marcavam no Instagram e eu nem olhava. Eu não queria falar, era uma parada que me doía, não me sentia à vontade. Você se prepara para aquilo, são quatro anos para chegar. E você perde também como torcedor, como brasileiro. Foi numa bola que você tem um segundo para definir. Claro que não foi só a minha jogada, mas eu me preparei para chegar bem lá. Entrei, fiz o gol e sabia que ia ter outra oportunidade, porque o jogo estava desenhado. O Tite me pediu uma coisa, e eu fiz totalmente o contrário. O Douglas [Costa] tinha entrado muito bem no jogo, aberto na direita. Eu entrei no lugar do Paulinho, o Tite falou: "Fica atrás e vai alimentando o Douglas, faz ele jogar". Só que o lateral já estava marcando o Douglas e tinha um espaço entre o zagueiro e o lateral. E eu fui em uma bola e o [Philippe] Coutinho, que estava jogando do lado esquerdo, não me viu. Falei: "Couto, olha para mim que estou entrando sozinho". A segunda bola, quando ele dominou, já jogou em mim e fiz o gol de cabeça. Falei: "Me dá mais uma que vou empatar o jogo". Quando eu dominei, a bola ficou um pouco curta, e se dou mais um toque os caras me fecham. Eu tinha um segundo para bater. Tentei tirar mais por causa do tamanho do goleiro [Courtois]. Quando eu inclinei o corpo e ele começou a cair, rodei [para bater no outro canto]. E aí a bola tirou a tinta da trave e não entrou, infelizmente.

Estirado no gramado, ao fim da partida em que quase mudou a história de uma desclassificação

GETTY IMAGES

Seu nome foi ventilado para 2022. O Tite chegou a falar com você? Tinha uma possibilidade, mas a gente também jogava aqui [no Corinthians] de uma forma diferente. Eu não conseguia nem ter uma sequência, porque tinha aquela coisa de não entrar sempre como titular. Apesar de ter um número alto de jogos, fiquei muito no banco. Então talvez isso tenha pesado também. Eu tinha ainda uma pequena esperança, mas sabia que era bem difícil. Até porque eu não participei do ciclo inteiro, eu sei como funciona. Mas entrei na pré-lista.

Doeu deixar de ser titular na reta final antes daquela Copa?
Faz parte do processo, estar lá não te garante ser titular. "Ah, mas estava na China." Quando eu estava na seleção, o treinador era o Dunga. Teve a Copa América [em 2016], joguei a Olimpíada com o Micale e depois veio o Tite. Eu já estava no processo mesmo jogando na China. Se naquele momento o Tite achou melhor... Ele é o treinador, a responsabilidade é dele. Hoje entendo ainda mais por ter feito o curso. Para mim é mágoa zero, sou muito bem resolvido quanto a isso. Pelo contrário, agradeço muito mais pela oportunidade de jogar uma Copa do Mundo, fazer um gol. Procuro ver a parte positiva.

CRAQUE MARCADO

As lesões de Renato Augusto – muitas com uma grande dose de azar – quase interromperam uma carreira espetacular

2008

AFUNDAMENTO NA FACE

Ainda pelo Flamengo, Renato sofreu um afundamento de malar e duas fraturas no rosto em um choque com o zagueiro Hélton, do Boavista, pelo Campeonato Carioca. A cicatriz da cirurgia o acompanha até hoje.

2009

LESÃO DE JOELHO

A passagem pelo Bayer Leverkusen teve bons momentos, mas foi muito atrapalhada por lesões. Em 2009, o meia passou por uma cirurgia no joelho esquerdo após dores constantes no local e ficou dois meses fora.

2011

JOELHO, DE NOVO

O joelho voltou a ser operado em 2011 e Renato desfalcou o Leverkusen por quase quatro meses. Foi o maior período consecutivo de inatividade na carreira por lesão.

2012

PROBLEMAS MUSCULARES

Voltando da cirurgia de joelho, o corpo de Renato Augusto passou a deixá-lo na mão cada vez mais. Só em 2012, foram três lesões musculares quase seguidas, que praticamente o impediram de entrar em campo naquela temporada.

2013

MAIS UMA NO ROSTO

A primeira temporada no Corinthians também foi marcada por contusões. Em julho, em um jogo contra o Bahia, novamente um afundamento do rosto, em choque com o atacante Souza. Ali, Renato pensou até em parar de jogar.

2018

INFLAMAÇÃO NO JOELHO

Os problemas físicos diminuíram drasticamente depois de 2014, mas um deles chegou no pior momento possível: logo antes da Copa do Mundo de 2018. Com uma inflamação no joelho, ele correu até o risco de ficar fora do Mundial, mas acabou mantido no grupo.

2023

LESÃO NO MENISCO

Desde a volta ao Corinthians, Renato voltou a conviver com algumas lesões. A principal delas foi no menisco do joelho direito, que o tirou de combate por quase dois meses. Ele forçou o retorno em jogo decisivo contra o Atlético-MG pela Copa do Brasil.

GETTY IMAGES

Abraçando Neymar: companheiro na conquista da então inédita medalha olímpica em 2016, no Rio de Janeiro

NEYMAR: "CRÍTICAS EXAGERADAS"

COMPANHEIRO DE SELEÇÃO E O "MAIOR COM QUEM JOGOU": O CRAQUE CORINTIANO NÃO POUPA ELOGIOS AO ATACANTE DO AL-HILAL

Surpreendeu a ida do Neymar para a Arábia Saudita?

É que a gente já sabia das coisas antes, não é? [risos] Já tinha escutado bem antes de ele ir. O futebol é pequeno, cara, todo mundo sabe tudo. Mas quem não iria?

Foi uma situação parecida com a sua, de 2015, quando foi para a China?

Eu era muito feliz. Aí foi uma situação realmente difícil de chegar [a um acordo]. Ele estava tendo problemas, uma situação difícil. Não sei se tinha oportunidade de ir para outros times. Não o crucifico. Não vejo como algumas pessoas falando: "Ah, é um absurdo, jogou fora". E outra coisa: a escolha é do cara e as pessoas têm que respeitar um pouco mais. É preciso respeitar mais, em vez de sempre estar massacrando, sabe?

E você já foi massacrado.

O Neymar é muito mais. Se já tem alguma coisa contra a gente, imagina com ele. Estamos falando aí do maior jogador dos últimos quinze anos. E o maior com quem eu joguei junto, sem dúvida. As críticas são realmente exageradas.

Em sua melhor versão, meia conduziu um imbatível Timão ao título brasileiro em 2015

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A TEMPORADA MÁGICA DE 2015 E O 'SIM' À CHINA

ELE NÃO SE ARREPENDE DA IDA PARA O BEIJING GUOAN, MAS TAMBÉM NÃO ESQUECE O ANO MAIS ESPETACULAR DA CARREIRA

Foram quase cinco anos na China. Tirando a parte financeira, acha que jogar lá atrapalhou sua carreira? Quando eu fui, tinha muito medo de perder espaço na seleção, então decidi investir em mim. Levei um profissional, trabalhava mais que o time, procurava estar sempre bem fisicamente. E lá, me apaixonei pela cidade. Minha família ama, me dei muito bem no lugar. Só tenho a agradecer, vivi anos felizes, consegui me manter na seleção assim mesmo. Fiquei três anos na China e na seleção, então não tenho arrependimento nenhum. Foi uma escolha que eu fiz e, pelo que vivi lá, não me arrependo de nada.

Na ida para a China você deixou aquele time do Corinthians de 2015 que, para muitos torcedores, foi o melhor que já viram. Era mesmo? Foi o melhor em que eu joguei, disparado. Tudo encaixava. Tinha o Sheik, que saiu, depois ficou o Malcom. Aí o Fábio [Santos] saiu, entraram o Arana e o Uendel, que se revezavam. Tinha o Rodriguinho, que sempre entrava no lugar de alguém que estava suspenso ou machucado. E, cara, sem brincadeira, parece que a gente sabia que ia ganhar o jogo. A gente ia falando: "Hoje a gente vai ganhar". Chegava no segundo tempo e a gente já sabia que ia só curtir o jogo. Tinha muita confiança, o time estava muito encaixado taticamente. E o Tite tinha muita fome do negócio. Tinha dia em que a gente falava: "Professor, pelo amor de Deus, segura um pouco aí". Em treino, em jogo. Aí ele foi acalmando. Realmente foi um ano mágico.

Ainda tinha o Jadson jogando na ponta, algo que ele nunca tinha feito... Era para ter sido o Lodeiro. No primeiro jogo do Paulista, a gente já estava no ônibus indo para o estádio e avisaram que o Lodeiro ia para o Boca. E ali mesmo já mudou, entrou o Jadson e não saiu mais. O Jadson é um dos jogadores mais inteligentes com quem joguei. Não tem que ser rápido, tem que ser inteligente, tem que saber o jogo. ■

A festa no Castelão: o Fortaleza apostou na estrutura interna para alçar voos cada vez mais altos

AFP

O MAIOR RUGIDO DO LEÃO

Há apenas seis anos o Fortaleza estava na terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Hoje, graças a muita organização e trabalho sério, está em sua primeira decisão internacional

Por Guilherme Azevedo

"Fortaleza, tu és o time que virou minha cabeça. O sangue tricolor que corre na minha veia, um sentimento que nunca entenderão." Assim são os versos iniciais de "Batismo Tricolor", música que embala a torcida do Leão do Pici em seu momento de maior glória, classificado para a grande final da Copa Sul-Americana – a primeira decisão de um título internacional da história do tradicionalíssimo clube cearense.

Há pouco tempo, a situação era bem diferente. O Tricolor estava regularmente flertando com o rebaixamento nos campeonatos brasileiros e chegou a ficar quatro anos (de 2011 a 2014) em absoluto jejum, sem conquistar um troféu sequer. Mas, como num filme épico, saiu da crise numa arrancada vertiginosa rumo ao topo. O ano de 2017 foi o grande ponto de virada, por marcar o início da gestão do presidente Marcelo Paz, combinado com o acesso à Série B, encerrando uma dura sequência de sete temporadas consecutivas na terceira divisão nacional.

Começava ali a recente história de sucesso do clube. Rogério Ceni chegou para ser o treinador no início de 2018, dando mais um empurrão decisivo nessa verdadeira revolução estrutural implementada pelo Fortaleza. Firme ao cobrar (jogadores e dirigentes), mas também fiel ao projeto (a ponto de fazer até doações financeiras), o ex-goleiro do São Paulo ajudou a melhorar o centro de treinamento e, claro, mostrou serviço entre as quatro linhas, com o título da Série B daquele ano – o que resultou na volta à elite após 13 longas temporadas.

Entre idas e vindas como técnico do "Laion", Ceni também levantou duas vezes o troféu do Campeonato Cearense e uma vez o da Copa do Nordeste. Além disso, levou o time pela primeira vez a uma competição continental: a Sul-Americana de 2020. Em 4 de

CAMPANHA DO FORTALEZA

FASE DE GRUPOS

FORTALEZA 4 x 0 PALESTINO (CHI)
5/4 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Thiago Galhardo (4 do 1º), Tomás Pochettino (30 do 2º), Juan Martín Lucero (46 do 2º), Tomás Pochettino (49 do 2º)

SAN LORENZO (ARG) 0 x 2 FORTALEZA
20/4 – NUEVO GASÓMETRO, BUENOS AIRES
Gols: Augusto Batalla CONTRA (45 do 2º), Guilherme (47 do 2º)

FORTALEZA 6 x 1 ESTUDIANTES DE MÉRIDA (VEN)
4/5 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Yago Pikachu (29 do 1º), Zé Welisson (43 do 1º), Luis Arenas (50 do 1º), Thiago Galhardo (27 do 2º), Calebe (31 do 2º), Moisés (41 do 2º), Silvio Romero (46 do 2º)

FORTALEZA 3 x 2 SAN LORENZO (ARG)
24/5 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Silvio Romero (17 do 1º), Gonzalo Maroni (20 do 1º), Silvio Romero (25 do 1º), Gonzalo Maroni (11 do 2º), Yago Pikachu (52 do 2º)

ESTUDIANTES DE MÉRIDA (VEN) 1 x 0 FORTALEZA
6/6 – METROPOLITANO, MÉRIDA
Gol: Ervin Zorrilla (17 do 2º)

PALESTINO (CHI) 1 x 2 FORTALEZA
27/6 – EL TENIENTE, RANCAGUA
Gols: Lucas Crispim (20 do 1º), Juan Martín Lucero (29 do 2º), Agustín Farias (31 do 2º)

OITAVAS DE FINAL

LIBERTAD (PAR) 0 x 1 FORTALEZA
1/8 – DEFENSORES DEL CHACO, ASSUNÇÃO
Gols: Zé Welisson (20 do 1º)

FORTALEZA 1 x 1 LIBERTAD (PAR)
8/8 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Matías Espinoza (44 do 1º), Marinho (46 do 2º)

QUARTAS DE FINAL

AMÉRICA MINEIRO 1 x 3 FORTALEZA
24/8 – INDEPENDÊNCIA, BELO HORIZONTE
Gols: Guilherme (15 do 1º), Tomás Pochettino (21 do 1º), Guilherme (41 do 1º), Gonzalo Mastriani (24 do 2º)

FORTALEZA 2 x 1 AMÉRICA MINEIRO
31/8 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Guilherme (22 do 1º), Marinho (21 do 2º), Breno (44 do 2º)

SEMIFINAL

CORINTHIANS 1 x 1 FORTALEZA
26/9 – NEO QUÍMICA ARENA, SÃO PAULO
Gols: Zé Welisson (22 do 1º), Yuri Alberto (40 do 1º)

FORTALEZA 2 x 0 CORINTHIANS
3/10 – CASTELÃO, FORTALEZA
Gols: Yago Pikachu (4 do 2º), Tinga (10 do 2º)

12 JOGOS

9 vitórias
2 empates
1 derrota

27 gols marcados
9 gols sofridos

maio de 2021, o clube anunciou a contratação de um novo treinador: o ex-zagueiro argentino Juan Pablo Vojvoda, hoje com 48 anos. Desconhecido ao chegar ao Brasil, ele se tornou a nova cara desse projeto cada vez mais ambicioso. Sob seu comando, o Tricolor chegou a uma inédita semifinal da Copa do Brasil e terminou o Brasileirão daquele ano na quarta colocação, garantindo pela primeira vez uma vaga na Copa Libertadores.

No ano passado, mais uma vez o Fortaleza mostrou serviço na Série A e terminou o torneio em oitavo lugar. Entrou na segunda fase da pré-Libertadores deste ano: eliminou Deportivo Maldonado, do Uruguai, mas caiu para o Certo Porteño, do Paraguai. Com isso, "caiu" para a Sul-Americana – e arrebentou. Na primeira fase, ficou no Grupo H, contra o San Lorenzo, da Argentina, o Palestino, do Chile, e o Estudiantes de Mérida, da Venezuela. Com cinco vitórias em seis jogos, classificou-se facilmente para os mata-matas.

Nas oitavas de final, passou pelo Libertad, do Paraguai (vitória por 1 a 0 e empate em 1 a 1). Nas quartas, atropelou o América-MG (dois triunfos, por 3 a 1 e 2 a 1). E na semifinal a vítima foi o Corinthians (empate em 1 a 1 na Neo Química Arena e um incontestável 2 a 0 no Castelão). Agora o duelo final será realizado no dia 28 de outubro, no estádio Domingo Burgueño, em Maldonado (cidade vizinha a Punta del Este, no Uruguai).

O adversário traz na bagagem mais títulos e mais tradição. A Liga Deportiva Universitaria de Quito, mais conhecida pelas iniciais LDU, tem na estante a Libertadores de 2008 (derrotou o Fluminense nos pênaltis, em pleno Maracanã) e a própria Sul-Americana, no ano seguinte – além das Recopas Sul-Americanas de 2009 e 2010. O time equatoriano passou pelo Defensa y Justicia, da Argentina, na semifinal, com 3 a 0 no jogo de ida e 0 a 0 na volta. É óbvio que não vai ser fácil – o ex-corintiano Guerrero quer vencer –, mas ninguém tem dúvidas de que o Leão pode dar seu rugido mais forte de todos os tempos. Tem técnico, tem time e, principalmente, tem uma torcida apaixonada disposta a mostrar ao mundo o colorido do futebol cearense. ■

AFO

Vojvoda: o treinador argentino assumiu em 2021 e já levou o Leão à primeira final internacional

Faz o L: o artilheiro Germán Cano pode escrever seu nome na história do Fluminense

A HORA DA

VERDADE

O FLUMINENSE DE DINIZ E CANO JÁ DERRUBOU UMA SÉRIE DE FANTASMAS NESTA EDIÇÃO DO GRANDE TORNEIO DO CONTINENTE. RESTA O DERRADEIRO DESAFIO: SUPERAR O TRADICIONAL BOCA JUNIORS E CURAR UM TRAUMA QUE RONDA O MARACANÃ HÁ 15 ANOS

Por: Enrico Benevenutti
Design: LE Ratto

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

Enfim o dinizismo: o tão criticado futebol de Fernando Diniz na final de uma Libertadores

Resta apenas um jogo para o sonho tricolor se tornar realidade. Pela segunda vez na história, o Fluminense tem a oportunidade de pintar a América em grená, branco e verde jogando uma decisão de Copa Libertadores em casa, no Maracanã. Para espantar o fantasma que assombra o bairro das Laranjeiras há 15 anos, a torcida confia no futebol envolvente arquitetado pelo técnico Fernando Diniz e nos gols do artilheiro Germán Cano, mas a batalha não será fácil. O time terá de superar o hexacampeão Boca Juniors, mais duro na queda do que nunca – os xeneizes chegaram à decisão sem vencer um jogo sequer no mata-mata, com seis empates seguidos e três triunfos nos pênaltis, o último diante do favorito Palmeiras.

Levar a decisão para a marca da cal é tudo que os cariocas não querem. A final do dia 4 de novembro está cercada por um trauma. Assim como na edição deste ano, em 2008 o Fluminense eliminou campeões continentais (São Paulo e o próprio Boca) para alcançar a inédita final. No entanto, o time dirigido por Renato Gaúcho viu o título escapar, diante de quase 80.000 torcedores no Maracanã, em decisão nos pênaltis contra a surpreendente LDU, do Equador. Na ocasião, a derrota por 4 a 2 no jogo de ida, na altitude de Quito, acabou sendo fatal, apesar da reação em casa (3 a 1 com três gols de Thiago Neves). É ferida ainda aberta, não há como negar. Mas agora é tudo em casa e, com status de favorito, o Tricolor quer mostrar que chegou a hora de vencer.

A equipe carioca iniciou a campanha com três vitórias em sequência, com direito a um avassalador 5 a 1 sobre o forte River Plate. No entanto, a reta final da fase de grupos baixou a expectativa do torcedor, que viu o time emendar duas derrotas e um empate e quase perder a vaga nas oitavas de final para o Sporting Cristal, do Peru. No mata-mata, porém, o jogo atraente se fez presente e o Flu desbancou antigos carrascos: o Argentinos Juniors, da Argentina, que o eli-

CAMPANHA DO FLUMINENSE

FASE DE GRUPOS

SPORTING CRISTAL (PER) 1 x 3 FLUMINENSE
ESTÁDIO NACIONAL DE LIMA, LIMA
Gols: Grimaldo (18 do 1º), Cano (35 do 1º e 13 do 2º) e Vitor Mendes (36 do 2º)

FLUMINENSE 1 x 0 THE STRONGEST (BOL)
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gol: Nino (40 do 1º)

FLUMINENSE 5 x 1 RIVER PLATE (ARG)
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gols: Cano (29 do 1º, 8 e 42 do 2º), Beltrán (39 do 1º) e Jhon Arias (30 e 46 do 2º)

THE STRONGEST (BOL) 1 x 0 FLUMINENSE
ESTÁDIO HERNANDO SILES
Gol: Triverio (4 do 1º)

RIVER PLATE (ARG) 2 x 0 FLUMINENSE
MONUMENTAL DE NÚÑEZ
Gols: Beltrán (4 do 2º) e Esequiel Barco (52 do 2º)

FLUMINENSE 1 x 1 SPORTING CRISTAL (PER)
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gols: Cano (22 do 1º) e Brenner (36 do 1º)

OITAVAS DE FINAL

ARGENTINOS JUNIORS (ARG) 1 x 1 FLUMINENSE
ESTÁDIO DIEGO ARMANDO MARADONA, BUENOS AIRES
Gols: Ávalos (14 do 1º) e Samuel Xavier (42 do 2º)

FLUMINENSE 2 x 0 ARGENTINOS JUNIORS (ARG)
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gols: Samuel Xavier (41 do 2º) e John Kennedy (52 do 2º)

QUARTAS DE FINAL

FLUMINENSE 2 x 0 OLIMPIA (PAR)
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gols: André (43 do 1º) e Cano (14 do 2º)

OLIMPIA (PAR) 1 x 3 FLUMINENSE
DEFENSORES DEL CHACO, ASSUNÇÃO
Gols: John Kennedy (24 do 1º), Zabala (44 do 1º), Cano (35 e 46 do 2º)

SEMIFINAL

FLUMINENSE 2 x 2 INTERNACIONAL
MARACANÃ, RIO DE JANEIRO
Gols: Cano (10 do 1º e 33 do 2º), Hugo Mallo (49 do 1º) e Alan Patrick (19 do 2º)

INTERNACIONAL 1 x 2 FLUMINENSE
BEIRA-RIO, PORTO ALEGRE
Gols: Mercado (9 do 1º), John Kennedy (36 do 2º) e Cano (42 do 2º)

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

Cria de Xerém: John Kennedy, de 21 anos, tem levantado a torcida com seus dribles e gols

minara na edição de 1985, e o Olimpia, do Paraguai, seu algoz em 2013 e 2022. Na semifinal, a equipe teve mais sorte do que juízo.

Os duelos contra o Inter entraram para a história da competição, com gols memoráveis e uma virada épica. No primeiro encontro, no Maracanã, empate em 2 a 2, com defesas espetaculares dos goleiros, expulsão de Samuel Xavier, virada colorada e reação tricolor. Na volta, empurrada pela torcida no Beira-Rio, a equipe da casa foi superior, mas fez valer um dos mais antigos (e certeiros) clichês do futebol: quem não faz toma. O equatoriano Enner Valencia desperdiçou três chances claras para o Inter, pouco antes de John Kennedy e do impiedoso Cano matarem o jogo em apenas seis minutos.

O eventual título também espantaria de vez um fantasma de foro pessoal. Aos 49 anos, Fernando Diniz vive um momento mágico. Sem jamais abrir mão de suas convicções, o técni-

LEONARDO BRASIL / FLUMINENSE FC

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

co conseguiu conciliar seu estilo corajoso a bons resultados, tanto que chegou à seleção brasileira (a princípio de forma interina). Mas a ausência de títulos relevantes e os deslizes em momentos decisivos seguem alimentando as críticas ao "dinizismo". O chamado futebol funcional imposto pelo treinador tem como base a aproximação dos jogadores em campo. Intensificam-se as relações com bola e também interpessoais entre os atletas comandados por um psicólogo de formação. Sem a preocupação com uma ocupação de espaços pré-estabelecidos dentro de campo – o tal jogo de posição consagrado por Pep Guardiola, a quem Diniz pode eventualmente enfrentar no Mundial de Clubes, já que o Manchester City é o campeão europeu –, libera-se o que há de melhor no atleta sul-americano: a criatividade. "É outro tipo de futebol. Ele tem uma mentalidade muito diferente de todos os treinadores que eu já tive", disse Neymar após a estreia do Brasil nas Eliminatórias.

Não falta experiência ao esquadrão de Diniz. Dispensado pelo Cruzeiro, o goleiro Fábio se reergueu plenamente e, aos 43 anos, é um dos destaques da caminhada. O também quarentão Felipe Melo precisou se adaptar a uma nova função e, mesmo sem tanto protagonismo, vai em busca de sua terceira taça. No meio-campo, Paulo Henrique Ganso, talvez o último romântico do futebol, reviveu os lampejos do maestro de outrora, ao passo que no comando de ataque ninguém brilha mais do que Germán Cano. O argentino de 35 anos é uma máquina de fazer gols (é o artilheiro da Liberta com 12 bolas na rede em 11 partidas). Simples e eficiente, Cano geralmente precisa de apenas um toque para fazer o L, sua comemoração característica em homenagem aos filhos Lorenzo e Leonella.

EDUARDO MONTEIRO

Nova chance: Marcelo, na semifinal contra o Inter, e Washington, na traumática decisão de 2008

Mas o Fluminense não vive só do talento de veteranos e é provável que não chegasse tão longe não fossem as famosas Crias de Xerém, como são chamados os atletas formados nas categorias de base do bairro de Duque de Caxias (RJ). Nino se tornou um pilar na defesa e pode erguer a taça como capitão. O coringa Aleksander, por sua vez, cumpre seu papel onde for preciso, enquanto o talento de André, que mescla consistência defensiva e qualidade na transição, já está na mira do futebol europeu. No ataque, a imprevisibilidade e a coragem de John Kennedy enlouquecem a torcida.

Há ainda um nome fundamental no elenco, aquele que une a experiência e o amor pelo Tricolor: Marcelo, o mais famoso dos filhos de Xerém, que, após 16 anos na Europa e 25 títulos conquistados pelo Real Madrid, decidiu voltar para casa. "Não tem dinheiro e valor que pague o amor que eu tenho por esse clube", disse o lateral de 35 anos em seu retorno. A qualidade técnica acima da média casou perfeitamente com o dinizismo e Marcelo responde em todas as faixas do campo – ainda que o físico não seja o mesmo dos anos passados. Ele já tinha sido decisivo no título carioca diante do Flamengo e agora é esperança para a grande final. ■

A TRADIÇÃO XENEIZE EM BUSCA DE 'LA SÉPTIMA'

Este Boca pode não assustar como os esquadrões do início do século, mas sua campanha em 2023 já é histórica. Nunca em 63 edições de Copa Libertadores uma equipe havia chegado à final sem ter ganhado uma única partida de mata-mata. Desta vez, o tradicional time de Buenos Aires empatou todos os jogos desde as oitavas de final para eliminar Nacional, Racing e Palmeiras nos pênaltis.

Na semifinal, a balança do favoritismo pendia fortemente para o lado alviverde. O Boca foi melhor no primeiro encontro, na mítica Bombonera, mas não conseguiu balançar a rede. O empate sem gols trouxe esperanças aos palestrinos de que o ídolo Abel Ferreira conseguiria findar a freguesia do Palmeiras, mas esse fantasma seguirá rondando. No limiar entre convicção e teimosia, o técnico português não teve uma noite feliz na escalação do time e viu o goleiro adversário Chiquito Romero definir nos pênaltis, com defesas nos chutes de Raphael Veiga e Gustavo Gómez. Foi a quarta vez em quatro mata-matas que os xeneizes derrubaram o Verdão.

Mas o Boca também joga contra alguns demônios. Já se passaram dezesseis anos desde que o craque Juan Román Riquelme, hoje dirigente, ergueu a última taça, em 2007, diante do Grêmio. Desde então, foram dois vices, em 2012, diante do Corinthians, e 2018, na mais dolorosa das derrotas, para o arquirrival River. O antigo bicho-papão dos brasileiros chega à sua 12ª final de Libertadores em busca de "la séptima", a que o tornaria o maior vencedor do continente, empatado com o vizinho Independiente. O time dirigido por Jorge Almirón não é brilhante, mas vem se mostrando eficiente. Tem experiência com Romero, tem técnica com o jovem Valentín "Colorado" Barco e tem o faro de gol do histórico atacante uruguaio Edinson Cavani. Para sair da fila, a melhor estratégia para os argentinos parece ser segurar o empate e buscar seu "Maracanazo" particular na marca do pênalti.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

As estrelas veteranas: uruguaio Cavani dá peso ao Boca, mas quem brilha até aqui é o goleiro Chiquito Romero

Um M@LUcØ nO P3DAçO

A VELHA PERSONALIDADE EXCÊNTRICA DE DEYVERSON JÁ O COLOCOU NO CENTRO DE MUITAS POLÊMICAS – E TAMBÉM COMO PROTAGONISTA DE MOMENTOS GLORIOSOS. HOJE BRILHANDO NO CUIABÁ, ELE DIZ VIVER A MELHOR FASE DA VIDA, DEIXANDO A VERSÃO SEM JUÍZO NO PASSADO

Por: Klaus Richmond e Leandro Miranda
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

Extrovertido ou espalhafatoso? Brincalhão ou irritante? Essas foram questões que sempre acompanharam a carreira de Deyverson, um personagem digno de figurar no folclore do futebol nacional. Centroavante daqueles "chatos", que corre o tempo todo, briga com os zagueiros e é um perigo na bola aérea, ganhou títulos e fez gols importantes pelo Palmeiras, sem nunca deixar de ser criticado pelas simulações exageradas e expulsões infantis. Hoje, aos 32 anos, garante que vive uma nova fase dentro e fora dos gramados: destaque do Cuiabá no Campeonato Brasileiro e em um momento de paz na vida pessoal, o jogador não quer mais virar notícia pelas polêmicas. Só pelos gols.

"Menino maluquinho eu já fui, já fui. Agora é menino certinho", diz ele a PLACAR, sorriso aberto no rosto. Em vários momentos da entrevista de mais de uma hora, foi impossível segurar a gargalhada com o jeito espontâneo do atacante. Mas Deyverson não é só "resenha", como ele gosta de dizer: assim como dentro de campo, ele é um personagem imprevisível, alternando as piadas com momentos mais sérios e até de emoção. "Não estou 100%, faltam algumas coisas a melhorar ainda. Passo a passo", afirma.

Paz e amor: aos 32 anos, atacante vive seu melhor momento com a camisa do Cuiabá

ANDREY OLIVEIRA / ASSCOM DOURADO

Deyverson e a mulher, Karina Alexandre: o amor "curou" o camisa 16

A melhora comportamental de que o jogador fala é nítida para quem o acompanha e, segundo ele, tem nome e sobrenome: Karina Alexandre. Casada com o jogador desde abril de 2021, a médica veterinária é apontada como o grande ponto de virada na carreira e na vida. "Família é minha esposa", repetiu ele várias vezes durante a conversa. Evangélica, ela foi fundamental para o marido se converter, largar as noitadas e, nas palavras dele, trilhar o "caminho do Senhor". "Ela entrou na minha vida e tem me ajudado bastante, tanto dentro de casa como profissionalmente. Me fala o que eu tenho que fazer dentro de campo, como agir. Eu não tinha muito esse apoio quando estava no Palmeiras. As pessoas só falavam: 'Não se joga no chão, não faz isso porque você acaba tampando os seus gols'. Aqui no Cuiabá foi diferente. Falei: 'Pô, vou pensar dessa forma'."

Mas por que os conselhos da mulher funcionam e os dos treinadores não funcionavam? Deyverson responde ao seu estilo. "A pergunta foi boa, mas agora vou te pegar. Vai ser bonito o que vou falar aqui, presta atenção: o Felipão não vai ficar para sempre na minha vida. Ele me deu conselhos, que guardo no meu coração, só que a minha esposa é que estará ao meu lado eternamente. Foi com ela que eu me casei. Então acaba que dá frutos. É uma semente diária, enquanto outras são passageiras. Essa é a diferença, por isso dá frutos. Gostou, né? Fui bem?"

"FIZ [TATUAGEM COM A INSCRIÇÃO "PREDESTINADO"] PORQUE FOI UM GOL IMPROVÁVEL. JÁ FALEI: GABIGOL ESTÁ MUITO ACIMA DE MIM. TEM MAIS GOL NA LIBERTADORES QUE EU, MAIS TÍTULOS, MAIS NOME... ENTÃO CALMA, CALMA."

Se parece um adolescente falando, não se espante: muita gente que o conhece o vê exatamente assim. Abel Ferreira, seu ex-treinador no Palmeiras, o chamava de "menino grande". Mas é a Felipão que Deyverson é mais grato. Ele diz que Scolari era seu escudo contra as críticas, o chama de "pai" e conta que, não fosse pelo técnico, teria ido para o futebol chinês em 2019, quando era titular absoluto do Verdão.

"Ouvi muitas pessoas falando que eu ia ganhar muito dinheiro. Aí o Felipão me ligou e me chamou para ir até a casa dele. Fui, todo nervoso. Ele falou: 'Filho, eu sei que é muito dinheiro, mas me responde: 'você é feliz no Palmeiras?'. Eu disse que sim. Então trocaria a felicidade por dinheiro?'. Ninguém tinha me perguntado isso. Ele disse: 'Você é o meu centroavante'. Quando ouvi isso, pensei em Ronaldo, Rivaldo, Cristiano Ronaldo... Aí fiquei."

Não sem antes, claro, protagonizar mais uma polêmica: um vídeo vazado se despedindo do Palmeiras. Decidido a ficar, divulgou outro vídeo, desta vez dizendo que o anterior havia sido mais uma de suas brincadeiras. Segundo ele, uma sugestão do próprio Felipão. "Eu fiz, aí veio a mídia falando que eu era palhaço, maluco, que não era profissional...", lembra.

Apesar dos pesares, Deyverson garante que só carrega lembranças boas do Palmeiras. É o clube que ele mais defendeu na carreira, com 140 jogos, 30 gols... e seis expulsões. A torcida se dividia entre o amor e o ódio: o mesmo jogador ca-

DIZEM QUE SOU LOUCO POR PENSAR ASSIM...

ESPALHAFATOSO, EXAGERADO, CHATO, MOLEQUE, FORÇADO... DEYVERSON JÁ OUVIU DE TUDO. A COLETÂNEA DE CAUSOS É GRANDE

UM MAU ATOR?

As simulações de falta de Deyverson viraram, como ele mesmo diz, "motivo de chacota". Bastava entrar em campo para, ao primeiro contato, o atacante pular de forma espalhafatosa e fingir que tinha sido agredido. O ápice aconteceu na final da Libertadores de 2021, quando, ao receber um tapinha nas costas do árbitro argentino Néstor Pitana, se jogou no chão pensando ter sido tocado por um adversário. Não teve jeito: tanto ele quanto o juiz caíram na risada. Sorte que ele já tinha feito o gol do título minutos antes.

CESAR GRECO / SEP

AS EXPULSÕES

Para um atacante, mais de dez expulsões na carreira não são algo comum. Mas Deyverson nunca foi normal. Os gols muitas vezes conviveram com confusões com adversários, entradas mais duras e provocações além da conta. Até Felipão, que sempre o protegeu, chegou a cobrar publicamente uma mudança de postura. Fora de campo, a vida também era desregrada. "Dei prioridade a muitas coisas em vez da minha família. Hoje ela é a prioridade."

GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

TRASHTALK

Deyverson reconhece que passava do limite ao tentar irritar os adversários. Um exemplo foi quando ele levou à loucura o experiente e normalmente tranquilo Fred, então centroavante do Fluminense, em 2021. Mesmo na reserva, Deyverson empurrou, bateu boca e não parou de provocar até ser expulso. Depois, de cabeça fria, Fred perdoou o "menino grande". "A gente às vezes extrapola um pouco. Ele é um moleque bom, vai aprender. Ele fez o jogo dele, mas inflamou, fez coisas desnecessárias", disse o 9 do Flu na época.

AÍ NÃO!

Dois momentos que o envergonham: quando cuspiu em adversários. Primeiro, no zagueiro uruguaio Godín, do Atlético de Madri, quando Deyverson defendia o Alavés, em 2017. Depois, no volante Richard, então no Corinthians, em 2019. "Eu peço desculpas até hoje quando jogo contra o Richard. Eu sei que errei, que eu falhei, mas sei que a marca fica porque os vídeos continuam. Com o Godín é a mesma coisa, eu pedi desculpas a ele quando veio jogar no Brasil também. Foram atitudes muito feias."

TRECHO DE "BALADA DO LOUCO", DE ARNALDO BAPTISTA EM PARCERIA COM RITA LEE

PERFIL

... SE EU SOU MUITO LOUCO POR EU SER FELIZ

MAS O ATACANTE TAMBÉM TEM A OUTRA FACE: AUTOR DE GOLS DE TÍTULO, ALGOZ DO FLAMENGO, MATADOR NOS CLÁSSICOS E PEÇA FUNDAMENTAL PARA OS TREINADORES

DECISIVO

O decacampeonato brasileiro do Palmeiras, em 2018, teve em Deyverson seu personagem decisivo. Ele marcou o gol da vitória por 1 a 0 contra o Vasco, seu time do coração, no jogo que deu a taça ao Verdão, em São Januário. Naquele ano, foi bancado por Felipão para ser titular na competição nacional, enquanto o colombiano Borja iniciava a maioria das partidas da Libertadores. "Vivi altos e baixos no Palmeiras, sabendo que na maior parte dos erros fui culpado. Até pela imaturidade. Foi necessário viver isso tudo para conquistar o que conquistei."

DIVULGAÇÃO / SEP

CARRASCO

O retrospecto contra o Flamengo impressiona. Em quatro jogos são três vitórias, com quatro gols e uma assistência. No encontro mais recente, já pelo Cuiabá, Deyverson foi às redes, provocou, simulou lesão com direito a piscadinha para um companheiro de equipe, inflamou a torcida e venceu por 3 a 0 na Arena Pantanal. Vascaíno assumido, confessa ter motivação especial: "Amo demais, com todo respeito ao Flamengo. Sempre que dá uma oportunidade, eu 'broco'. Isso aí é bom para o currículo, né?"

ROBSON BOAMORTE / ASSCOM DOURADO

SONHO EUROPEU

Na Espanha, Deyverson defendeu três times modestos: Alavés, Levante e Getafe. Mas fez história ao se tornar um dos poucos jogadores a fazer gols tanto no Real Madrid como no Barcelona. E ele guarda cada detalhe. "O do Barcelona foi 2 a 1 para nós no Camp Nou, eu estava no Alavés. Mas contra o Real eu fiz o primeiro, a gente todo feliz, depois tomamos 4 a 1, três do Cris (Cristiano Ronaldo)." E quem foi o melhor que enfrentou por lá? "Para mim, nada se compara ao Neymar. Nem Messi, nem Cristiano. Antes do jogo, a gente alongando, eu só olhava para o Neymar. No fim, eu nem queria comemorar. Fui lá, pedi o calção, meião, chuteira, só não pedi a cueca dele."

EFE

EFE

UM HERÓI

Nem o mais otimista dos palmeirenses esperava que fosse Deyverson o autor do gol do título da Libertadores de 2021 na final contra o Flamengo. "Irmão, foi rápido demais. Chutei todo errado, inclinei o corpo, bateu no pé do goleiro e entrou. Todo errado, mas deu certo." O maior mérito, segundo ele, não foi o chute, mas a roubada de bola no ataque após o escorregão de Andreas Pereira. "Eu não desejo para ninguém o que o Andreas passou, e desejo muito para todo mundo o que eu vivi."

paz de fazer os gols dos títulos do Brasileiro de 2018 e da Libertadores de 2021 também podia perder a cabeça a qualquer momento. “Eu tinha uma empolgação de estar jogando em um clube grande, de ser mais visado, acabava passando dos limites. Eu mesmo depois via os vídeos e falava: ‘Mano, o que eu fiz?’. Mas não era por maldade. Antigamente me faltava esse apoio, um alicerce para poder me sustentar.”

A saída do Palmeiras, quando seu contrato não foi renovado no meio de 2022, deixou mágoas em Deyverson com uma pessoa específica, a quem prefere não nomear. Mas abriu o caminho para que a nova versão do centroavante fosse uma das boas surpresas do futebol brasileiro em outra equipe. “É o meu melhor momento. Quando jogamos em um time de proporção maior, com valores maiores, você acaba se deslumbrando. Normal, é do ser humano. As pessoas me diziam: ‘Pô, você vai dar 20 milhões de passos para trás, você vai descer a escada’. E eu respondia: ‘Não, estou subindo a escada’. O Cuiabá abriu as portas para mim quando eu menos esperava, estava parado havia três meses.”

Quando chegou ao time de Mato Grosso, o atacante estava na pior forma física da carreira. Agora, o bom momento dentro de campo – bem como a mudança de rotina fora dele – provoca projeções ousadas: quer jogar até os 40 anos. “Rapaz, pode perguntar para os preparadores físicos como é que fica o GPS (o aparelho que mede a distância percorrida e a intensidade das corridas do atleta). Ele fica tremendo, ‘dzzz, dzzz’. Os caras falam: ‘Como é que pode, com 32 anos?’. Irmão, não tem bola perdida. Eu dependo do meu corpo e chega uma hora em que a gente se dá conta: ‘Não sou mais menino’. Cheguei ao Cuiabá pesando 89 quilos, um número que eu nunca tinha alcançado. Hoje estou com 83 quilos, trabalhando. Toda hora penso: ‘Opa, isso aqui não me faz bem’, então jogo para a casa do ‘não’. Isso me faz bem, vai para a casinha do ‘sim’. Então, se eu puder dar um conselho, e não sou o melhor cara para dar conselho, é: não beba.”

Há alguns anos, ouvir isso de Deyverson seria impossível. Mas ele não se esconde ao falar do que considera serem seus erros do passado, como a vida noturna agitada e até uma tatuagem que fez na perna com os nomes de 14 pessoas – com a maioria das quais ele não tem mais boa relação. “O que vivi com eles era para ter sido vivido. Não vou apagar, porque fiz de coração”, explica.

“DINHEIRO NÃO É TUDO. AJUDA A COMPRAR UMA ROUPA, A IR A UM PARQUE QUE SEMPRE QUIS IR, MAS O TUDO É TER SAÚDE. ENTÃO, SE VOCÊ ESTÁ TRISTE COM ALGUÉM, ESTÁ DECEPCIONADO COM ALGUÉM, PERDOA, ABRAÇA, BEIJA, PORQUE AMANHÃ PODE SER TARDE.”

Outra tatuagem polêmica envolve a da palavra “Predestinado”, feita após o gol do título da Libertadores sobre o Flamengo. O detalhe é que Gabigol, ídolo do rival, já tinha exatamente o mesmo adjetivo gravado na pele. Deyverson garante que não foi uma provocação, mas admite que ainda gosta de dar uma cutucada nos adversários. “Fiz porque foi um gol improvável. Já falei: Gabigol está muito acima de mim. Tem mais gol na Libertadores que eu, mais títulos, mais nome... Então calma, calma.” Mas quando é lembrado que, no futebol europeu, Deyverson fez mais gols que o atual 10 rubro-negro – inclusive balançando as redes contra Barcelona e Real Madrid –, o atacante do Cuiabá solta um funk improvisado: “Vou te dar um papo reto, vou falar no sapatinho, quem tem mais gol na Europa? Prazer, MC Deyvinho”. Mais risadas, é claro.

Poucos minutos depois, o jogador estava com os olhos marejados ao falar das avós, Alice e Creusa, que morreram antes de ver o neto brilhar. Conversar com Deyverson é assim: um fluxo rápido de pensamentos que pode mudar radicalmente o assunto de uma hora para outra. Ele começou a se lembrar da infância pobre em Mangaratiba, no Rio de Janeiro. “Eu passei pelo deserto, foi necessário. Mas o dinheiro não é tudo. O dinheiro ajuda a comprar uma roupa que a gente sempre sonhou, a ir a um parque que sempre quis ir, a comprar um biscoito que era um sonho de criança e você não tinha condições. Mas o tudo é ter saúde. Então, se você está triste com alguém, está decepcionado com alguém, perdoa, abraça, beija, porque amanhã pode ser tarde.” Chora, pede desculpas, enxuga as lágrimas. Logo o papo volta a ficar engraçado.

Os planos para o futuro não são poucos. Além de querer jogar no Vasco, time do coração, ainda sonha com a seleção brasileira: “Imagina o Neymar dando o gol para o Deyverson? As fotos? Me abraça, moleque Ney”. Ele já pensa até no que fazer depois de parar. Uma coisa é certa: não será treinador. “Eu não entendo de futebol. O que o treinador fala para fazer, eu faço”, ri. Mesmo assim, já recebeu convites para ser comentarista, bem como sugestões para fazer shows de comédia e abrir um canal de vídeos. Sabendo como funciona a cabeça de Deyverson, é melhor não duvidar de nada disso. ■

A UN PASO DE LA FINAL!

AS DUAS MAIORES COMPETIÇÕES DO ANO, ENTRE CLUBES DE FUTEBOL, DA AMÉRICA DO SUL RUMAM PARA SUAS FINALÍSSIMAS. E VOCÊ, JÁ SABE EM QUEM PROFETIZAR NESSES JOGAÇOS?

O calendário do futebol sul-americano promete muito mais emoções, no mês de outubro.

Com as duas maiores competições do continente se encaminhando para as finais, já tivemos a oportunidade de enxergar a hegemonia brasileira dando o ar da graça nos confrontos épicos nas idas das semifinais em ambas as competições, mas será que essa profecia vai se consolidar mesmo? Tudo indica que sim. Na Liberta, temos o Fluminense de Diniz encarando o bicampeão Inter e o campeão de 2021 Palmeiras em um duelo épico contra o Boca Juniors, todos em busca de uma vaga na final. Já na Sul-americana, Fortaleza e Corinthians fazem o embate brasileiro e podem enfrentar na finalíssima a LDU ou Defensa y Justiça. Neste momento, que realmente mexe com os nervos das torcidas e dos clubes, a Bet dos brasileiros traz - mais uma vez, uma breve análise de todo este cenário decisivo para ajudar você nas suas próximas profecias.

INTERNACIONAL X FLUMINENSE: DEPOIS DE UM JOGO DE IDA ELETRIZANTE, O QUE ESPERAR DA VOLTA?

Em matéria de ousadia, Fernando Diniz não brinca em serviço. E com esse elenco que o permite um nível de ofensividade acima da média, o treinador do Flu fez o que se esperava dele: jogando em casa, ampliou o seu poder de fogo no jogo de ida das semifinais contra o Internacional, que aconteceu no último dia 27 de setembro. Com Marcelo, André, Ganso, Arias, Keno, Cano e Kennedy jogando juntos, o Tricolor das Laranjeiras foi pra cima criando grandes oportunidades, principalmente com o atacante Cano. O artilheiro argentino brilhou em campo mais uma vez com dois gols. O problema é que do outro lado estava o Inter de Eduardo Coudet, que encarou bravamente as milhares de vozes tricolores no Maracanã e foi pra cima do Fluzão chegando a estar a frente do placar, neste empate que foi só o "primeiro tempo" dessa decisão. Para o jogo de volta no Beira Rio, o que nossos profetas de plantão podem esperar? O placar por 2x2 na ida nos alerta da possibilidade de profetizar em jogo acima de 2,5, mas uma vitória do Colorado pode ser uma boa investida. Além disso, com artilheiros em campo tais como Germán Cano e Enner Valencia, profetizar em gols no primeiro tempo também é uma boa possibilidade a se pensar. Importante ficar sempre ligado nas cotações da Betnacional.

PALMEIRAS X BOCA JRS: ONDE A PROFECIA FALARÁ MAIS ALTO?

O 0x0 entre Boca e Palmeiras no jogo da ida deixou muitas promessas de profecias para o Allianz Parque. O time da La Bombonera criou mais oportunidades, mas não contava com a (inacreditável) má pontaria dos seus homens de frente, principalmente do uruguaio Cavani, e nem tão pouco que esbarraria em um inspiradíssimo Weverton, o que pode ter sido decisivo, já que a tendência para os próximos 90 minutos é de um jogo muito mais aberto com as duas equipes buscando o gol, afinal uma vitória simples de qualquer lado vale a vaga na final. O verdão - ainda sem contar com Dudu, suportou bem a pressão do Boca, mas pecou na criatividade - principalmente no primeiro tempo, com Rafael Veiga aceitando demais a marcação argentina e Artur desperdiçando as poucas chances que surgiram. Não por acaso, o próprio técnico Abel Ferreira, que busca sua terceira final de Libertadores com o clube paulista, admitiu a ligeira superioridade do adversário, nesse primeiro embate, mesmo com as boas mudanças táticas no time promovidas por ele, durante a partida. Haja vista toda dificuldade que é jogar no mítico campo argentino, é verdade também que a torcida esperava um pouco mais do Palmeiras, nesse duelo de ida. Porém, profeta que se preze entende bem as surpresas do futebol e enxerga que o mercado de ambos os times marcando é sim um bom caminho para brilhar na Betnacional. E aí, quem se dá bem no final?

ENQUANTO ISSO NA SULA, FORTALEZA E LDU MERECEM SUA PROFECIA?

Se tem um time que vem deixando sua torcida com um sorriso largo nesta temporada é o Fortaleza. O Leão do Pici chegou na semifinal da competição internacional cheio de moral e arrancou um empate por 1x1 contra o Timão, em plena Neo Química Arena, no jogo de ida. O time cearense, inclusive, decretou o fim da era Luxa no Timão, que agora precisa se reorganizar muito rapidamente e jogar tudo que pode, se ainda sonha em superar os comandados de Vojvoda e conquistar a vaga nessa tão desejada final, diante de milhares torcedores leoninos. Ainda restam 90 minutos e tudo pode acontecer, então, para este jogo, os profetas da Bet dos brasileiros poderiam ficar atentos no mercado acima de 1,5 gols, já que em casa o Fortaleza costuma fazer muitos gols, ou mesmo uma vitória simples no tempo normal. Do outro lado, a LDU parece estar muito mais tranquila após os 3x0 contra os argentinos do Defensa y Justicia. Quem profetizou para o mercado acima de 2,5 comemorou bastante e poderia até repetir a dose, já que para o jogo da volta, os argentinos devem ir para o tudo ou nada em busca de reverter essa grande desvantagem e devem abrir espaço mais uma vez para a fera Paolo Guerrero e cia.

Com certeza, as finais da Sula e da Liberta vão sacudir a galera pelo continente e seja lá quem se classificar para decidir os títulos representará muito bem o futebol sul-americano. Curta cada lance, divirta-se com seus amigos e conte com a Betnacional para profetizar nos melhores jogos e comemorar suas conquistas.

representará muito bem o futebol sul-americano. Curta cada lance, divirta-se com seus amigos e conte com a Betnacional para profetizar nos melhores resultados e comemorar suas conquistas do melhor jeito.

VIDAS
CRUZADAS

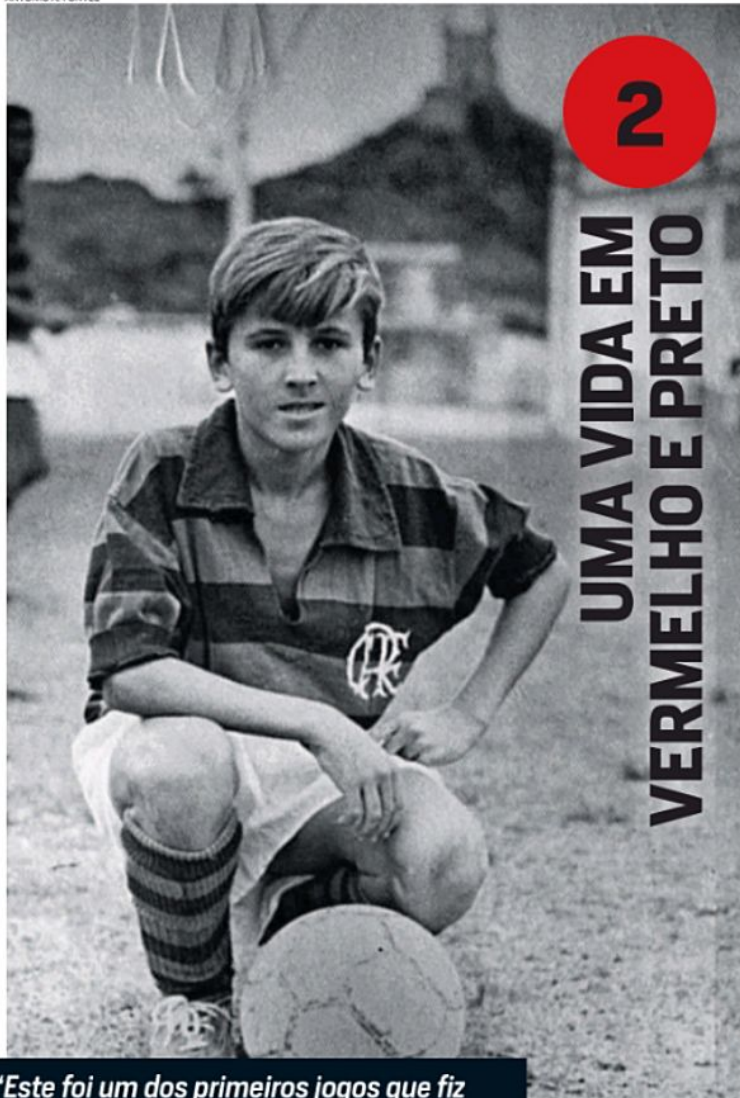
ZICO É O GRANDE CRAQUE DA HISTÓRIA DE PLACAR. A REVISTA ESPORTIVA MAIS TRADICIONAL DO BRASIL CHEGOU ÀS BANCAS EM MARÇO DE 1970. NO ANO SEGUINTE, ESTREAVA COMO PROFISSIONAL O MAIOR JOGADOR DO FLAMENGO E UMA LENDA DO FUTEBOL MUNDIAL. DESDE ENTÃO, FORAM MAIS DE 100 CAPAS E INCONTÁVEIS FOTOS E REPORTAGENS HISTÓRICAS. AOS 70 ANOS, O GALINHO ESTÁ DE VOLTA ÀS PÁGINAS QUE FORAM SUA CASA NOS ÚLTIMOS 52 ANOS

Por: Luiz Felipe Castro,
do Rio de Janeiro
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

O craque em sua casa na Barra da Tijuca, no Rio: "Ainda brinco de vez em quando com meus netos, mas agora sou eu que fico de goleiro"

ESPECIAL

As bolas espalhadas pelo bem cuidado gramado de sua casa, no bairro da Barra da Tijuca, no Rio, evidenciam que o velho craque não consegue deixar a eterna paixão de lado, nem mesmo aos 70 anos, completados em 3 de março. "Ainda brinco de vez em quando com meus netos. Mas agora sou eu que fico de goleiro", admite Arthur Antunes Coimbra, o inigualável Zico, em seu retorno à PLACAR. São 52 anos de uma relação de admiração mútua – com alguns raros desencontros, críticas pontuais das quais ele garante não guardar mágoa –, mais de 100 capas e uma infinidade de imagens e textos que o Galinho de Quintino adorou relembrar. Durante quase uma hora de papo, Zico repassou sua história (ou melhor, a nossa!) ao rever e comentar imagens belíssimas de Flamengo, seleção brasileira e de amigos que deixaram saudades, como Diego Maradona, Sócrates e Roberto Dinamite. A entrevista na íntegra está disponível em PLACAR TV, nosso canal no YouTube.

"Tenho essa guardada, tenho quase todas as capas. Foi minha estreia no profissional, contra o Vasco, o Flamengo passava por um momento difícil e eu tinha sido o artilheiro dos juniores. O Fleitas Solich, o Feiticeiro, acompanhava as categorias de base e já havia lançado muitos jovens em fases anteriores, como o meu grande Ídolo, Dida. Era uma Taça Guanabara, ganhamos de 2 a 1, eu dei um passe para o gol do Nei Guerreiro e o Fio fez o gol da vitória no final do jogo. Eu já vinha com uma expectativa muito grande, porque meus irmãos, Edu e Antunes, sempre falavam que o melhor da família era o menor. Nesta época eu jogava de centroavante, franzino, corria muito, por isso fui apelidado de Galinho de Quintino."

Um clássico inesquecível: o garoto Zico na capa da edição 77, de setembro de 1971

ANTONIO A. FONTES

"Este foi um dos primeiros jogos que fiz na escolinha, tinha de 14 para 15 anos. Ao fundo está a Igreja da Penha. Esse é campo do Olaria, um domingo de manhã. O técnico Célio de Souza me colocou, o uniforme era maior do que eu, a bola era maior que as minhas pernas."

Os primeiros chutes do Galinho, em foto replicada em diversas edições

IGNÁCIO FERREIRA

A evolução aos 17 anos, no tratamento com o doutor José Roberto Francalacci

3

O CRAQUE DE LABORATÓRIO

"Eu me dediquei a esse tratamento muscular por seis meses, foi um trabalho muito exigente. Eu morava muito longe, acordava 5h30 da manhã, ia até a Central do Brasil, pegava o ônibus e ia para a Gávea. Treinava das 9h às 10h30, tomava banho, ia para a escola e voltava para o Leblon para fazer este trabalho de academia com o Francalacci, basicamente das 19h até 21h, depois voltava para Quintino, três vezes por semana. Sem esse tratamento, eu não teria uma musculatura tão preparada. Me ajudou muito no início, mas teve um lado contrário no fim, porque a musculatura ficou atrofiada, eu não fazia muito alongamento na época, e comecei a ter distensões musculares que me fizeram parar mais cedo."

4

UMA DÍVIDA PENDENTE

"Toda semana a gente comprava a PLACAR para ver a nota, não era só eu, não, todos os jogadores ficavam atentos. Aliás, eu faço sempre uma cobrança, a revista está me devendo duas bolas de prata [entregue aos melhores de cada posição], porque na minha época quem ganhava a de ouro [a de melhor entre todas as posições] não ganhava a de prata, só depois é que passaram a entregar as duas."

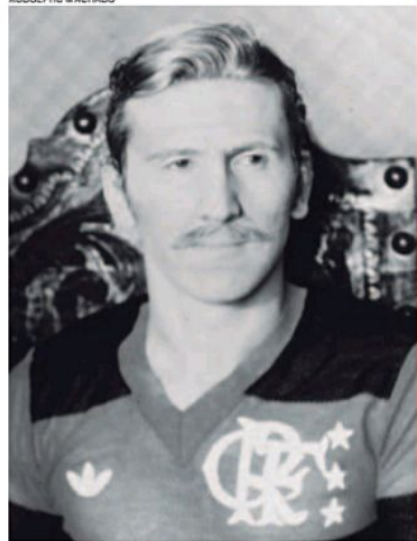
Com a primeira Bola, em 1974: foram cinco de prata e duas de ouro

ESPECIAL

5 A CAPA PREFERIDA

"Que saudade do Magrão [Sócrates]. Os palpites desta capa não foram muito certeiros, até porque nunca usei bigode. O Eric [Rzepecki], que era um grande maquiador polonês da Rede Globo, queria bigode, eu disse que não combinava comigo, mas ele insistiu e acabei ficando com aparência de bem mais velho. A revista previa que eu seria dono de loja de esportes... Eu até tive uma, mas não durou muito, era difícil conciliar."

RODOLPHO MACHADO

Sócrates e Zico, em dezembro de 1980, numa reportagem que previa como estariam aos 50 anos

6 OS CRAQUES NA MESA DE BAR

"Eu e o Magrão éramos diferentes, mas nos dávamos muito bem. A relação estreitou mais quando ele veio morar no Rio, a gente sempre se via, nossos filhos jogavam bola juntos. O Magrão era um cara muito firme, muito correto, amigo mesmo. Esta foto mostra que naquela época todos os craques estavam no Brasil, cada time tinha três ou quatro jogadores de nível de seleção, hoje todos estão na Europa. O Reinaldo seria um titular absoluto de qualquer seleção, eu sempre digo que sem problemas no joelho ele seria o que mais se aproximaria do Pelé."

Falcão, Reinaldo, Sócrates e Zico, em reportagem histórica de 1980

IGNÁCIO FERREIRA

7 OS RIVAIS MAIS QUERIDOS

RODOLPHO MACHADO

"Desde a categoria juvenil, nós sempre nos demos muito bem. E isso continuou, a amizade das nossas mães, que davam o exemplo ao assistirem aos jogos juntas. A gente nunca precisou falar mal do outro para levar 150.000 pessoas ao Maracanã, era pelo que a gente fazia dentro de campo. Eu e o Bobby até demoramos para jogar juntos. A gente nunca perdeu jogando pela seleção. Nossas características combinavam, por pouco não jogamos juntos no Flamengo. Era um cara que sempre admirei, correto, brincalhão, sempre de bem com a vida. A morte dele foi algo muito triste."

A amizade com Roberto "Bobby" Dinamite: saudade do amigo vascaíno

RODOLPHO MACHADO

O brasileiro e Maradona, em partida entre o Flamengo e o Boca Juniors: grandes gênios de década de 1980

"O Maradona era meu freguês, né? (risos) Era uma relação maravilhosa, ele veio aqui na minha despedida, depois no jogo das estrelas, foi ele que alavancou o evento. Teve um momento bonito aqui em casa, meu filho Juninho o levou para ver a sala de troféus, ele se emocionou e disse ao Junior: 'Você tem que agradecer todos os dias pelo pai que tem. Eu, devido aos problemas que tive, acabei vendendo tudo que era meu, não tenho nada para mostrar. Então leve isso para sempre'. Eu soube disso no dia seguinte e me emocionei. Ele era diferente, um artista, um malabarista, como Ronaldinho Gaúcho, Neymar, Robinho, Messi... Eu fazia jogadas de efeito também, mas era mais reto, mais simples. Muita gente não concorda, mas o Maradona jogou mais que eu, sim."

ESPECIAL

É o camisa 10 da Gávea... Foram mais de 100 gols de falta

RODOLPHO MACHADO

8 É FALTA NA ENTRADA DA ÁREA. ADIVINHA QUEM VAI BATER?

"Não deixam mais o jogador treinar faltas e ele acaba se acomodando. Dizem que hoje a barreira pula mais, que os goleiros são mais altos e têm mais envergadura, mas a qualidade de quem bate também tinha que aumentar. Eu não batia só por cima da barreira, acertava também uns pombos sem asa, de três dedos, fiz vários tipos de gols de falta. A repetição te dá confiança, segurança. O melhor que eu vi nesse quesito foi o Nelinho, porque ele batia tanto colocado quanto forte, era um absurdo. Mas tivemos caras como Marcelinho Carioca, que foi meu pupilo, Juninho Pernambucano, Zenon, Dicá, Roberto Carlos, Rivellino, Marinho Chagas, vários grandes batedores."

9 A RELAÇÃO COM A IMPRENSA

"Questionamentos fazem parte, eu lidava com tranquilidade. Eu não gostava de quem eu sabia que perseguia, isso você saca na hora. Sempre fui muito livre com imprensa, eu não me escondia e respondia direto para o cara, não generalizava. Meus problemas com a imprensa foram pequenos e individuais. A grande vantagem que eu tive foi ter dois irmãos que estiveram em cima e embaixo, e desde cedo vi como funcionava. Quando a coisa vai bem, todo mundo quer foto e elogia, e quando a coisa fica ruim é pancada, não tinha mais tapinhas nas costas."

Edição de setembro de 1976: em debate, o alto salário do jogador

10 A PEDRA NO SAPATO

"As pessoas quando têm que falar de mim falam deste jogo contra a França, que amarelei, um monte de besteira. Na época, notei algo muito claramente: os atletas antigos, como Zizinho, Ademir Menezes e Jair da Rosa Pinto, disseram que com o meu pênalti perdido iriam finalmente esquecer que eles perderam a Copa de 1950. Me questionaram e eu disse que eles estavam certos, era verdade. Eu fiquei imaginando o tanto que esses caras sofreram, o [goleiro] Barbosa foi quase condenado por ter perdido uma final, é um negócio absurdo. Eu queria perder? Claro que não, mas boto a cabeça no travesseiro e não deixo de dormir por causa disso. No Brasil, existe a mania de sempre acusar alguém. Foi o Barbosa, o Cerezo, eu... E tudo bem, eu convivo bem com essas coisas."

Zico lamenta a derrota para a França, na Copa de 1986 no México

SERGIO SADE

ALEXANDRE VIDAL / CRF

11 BATE-BOLA COM A NOVA GERAÇÃO RUBRO-NEGRA

PLACAR 40 ANOS

RENATO GAÚCHO

RONALDO

ABREU

O CALVÁRIO DE Zico

Como cartola do Flamengo em 2010, e em encontro com o "príncipe da Gávea", Gabigol

"O Flamengo adotou uma política diferente. Trabalhei lá em 2010 e os profissionais não tinham lugar para trocar de roupa, a concentração era deprimente. Eu apoiei essa nova direção fazendo dois pedidos: terminar o CT e nunca mais atrasar salário dos funcionários. O clube ficou um tempo sem ganhar, mas se reestruturou e hoje poucos clubes no mundo oferecem o que o Flamengo oferece. É natural que haja cobrança, os atletas ganhando bem, não tem nada atrasado, uma torcida maravilhosa, tem que dar a vida e ser cobrado, mesmo. Nós ganhamos Libertadores e Mundial sem campo para treinar, uma vez deu uma praga no Gávea e nós treinamos num campo de terra por cinco meses. Hoje a estrutura é maravilhosa, recuperação, tudo do bom e do melhor. É outra história."

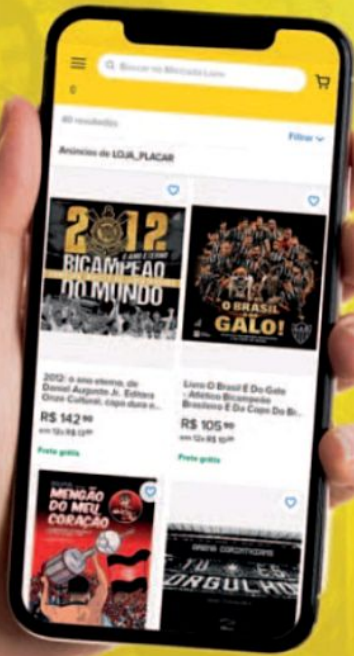
"[Se o Gabigol me superar] eu vou achar ótimo, é sinal de que ele deu muitas alegrias à torcida do Flamengo, e é isso que nós, torcedores, queremos. No futebol tem de haver uma meta, quem ganhou mais tem que ser reverenciado por isso. Ninguém vai esquecer o que foi feito lá atrás, nós já fizemos nosso trabalho. O time atual tem essa referência, eles têm o que alcançar. As marcas são feitas para serem batidas, e eu, como torcedor do Flamengo, quero mais é que o Flamengo ganhe e a nação cresça."

12 70 ANOS!

"Este é um livro assinado por Mauricio Neves de Jesus e Mauro Beting, que são amigos maravilhosos, com fotos exclusivas e inéditas dos acervos da PLACAR, e que chega às livrarias em dezembro. Fico muito feliz com mais essa grande homenagem e com a possibilidade de poder levar estas histórias para a casa dos torcedores."

Livro *Zico 70 Anos* será lançado em dezembro pela Editora Onze Cultural

ALEXANDRE BATTIBUGLI

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

...E AS FERAS

REPRODUÇÃO / PLACAR

RODOLFO BUHRER / FOTOARENA

J.B. SCALCO

“UM CHOPIN DOCE E INSPIRADO”

A gloriosa e memorável vida do vascaíno (e americano) Danilo Alvim, um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro, nome injustamente esquecido e pouco reverenciado

O trecho a seguir faz parte do livro Sua Alteza, Príncipe Danilo – Primeiro e Único, *de André Felipe de Lima.*

“Gênova, Itália. Meu amor. Este é o porto aonde vamos tomar o navio que me levará aos teus braços para tornar a te beijar muito e me fazer o homem mais feliz dos homens, minha vida. Dê muitos beijos no Beléto, que o papai está com muitas saudades (....) Para você, meu grande amor, um milhão de beijos nesta boquinha e neste corpinho todo, do teu marido, que te ama acima de tudo neste mundo. Danilo.” Um amor assim é indizível. Sente-se. Vive-se em cada linha escrita pelo casal, em cada beijo, carinho ou presentes que dão um ao outro. Danilo Faria Alvim e Zelinda Tojal Alvim viveram intensamente uma história de amor, mas também de superação. Depararam-se com a resistência dos pais de Danilo e com o preconceituoso deboche da imprensa quando decidiram se casar no final dos anos de 1940. A história de Danilo e Zelinda é exemplar. A de Danilo, particularmente, é memorável, gloriosa. Digna. No dia 3 de dezembro de 2020, ele completaria 100 anos. Ary Barrozo o descrevia da seguinte forma: “A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado”.

A trajetória do magistral jogador merece registro. Aliás, muitos e imprescindíveis registros de diversas fontes são necessários para contar quem foi essa inesquecível personagem do futebol brasileiro, um dos melhores jogadores em todos os tempos. Sua vida dentro e fora dos gramados pode ser resumida em uma única palavra, e sem ser pieguice: amor. Amava o futebol. Amava o seu América, clube para o qual torceu a vida toda. Danilo amava o seu Vasco, com o qual se consagrou ao conquistar inúmeros títulos de campeão, principalmente o do primeiro campeonato sul-americano de clubes, em 1948. O “Príncipe”, como todos o chamavam, amava a seleção brasileira, que lhe permitiu tornar-se mundialmente conhecido, independentemente do *maracanazo* de 1950. Mas, acima de tudo ou qualquer fato, Danilo amava sua família. Amava Zelinda e Carlos Alberto, seus dois indissolúveis e mais genuínos amores.

“Ele falava muito da esposa, que ela era dançarina, que conheceu ela dançando. Era o amor da vida dele mesmo. Nas fotos dela, ele escrevia ‘Zelinda, eu te amo!’. Não cheguei a conhecer a Zelinda. Quando conheci ele e o Carlos Alberto, a esposa dele já tinha falecido”, diz Maria Conceição da Silveira, ex-esposa do Carlos Alberto Alvim, com quem casou-se e teve duas filhas, Mariane, 29 anos, e Carine, 23 anos. Quando Danilo morreu, no dia 16 de maio de 1996, a neta Mariane era muito pequena. Carine sequer teve contato com o avô.

“Quem também foi visitá-lo foi o Domingos da Guia. Fui até eu que o atendi. Só lembro mesmo é do Domingos da Guia. Ele dizia que o ‘Príncipe’ foi um profissional muito bom, uma pessoa muito correta, e que ele ficava triste por ver a que ponto ele chegou, praticamente sozinho, esquecido dos amigos. Só tinha o filho por ele”, afirma Maria Aparecida Pereira

Entre Ely e Jorge, no espetacular “Expresso da Vitória”, a equipe do final dos anos 1940 pioneira ao usar o esquema 4-4-2

FOTOS CENTRO DE MEMÓRIA DO CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA

Com a cruz-de-
-malta que o
levaria à glória e à
seleção, respeitado
pelos adversários
e idolatrado por
torcedores e
companheiros
de chuteiras

CENTRO DE MEMÓRIA DO CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA

ESPORTE ILUSTRADO

Ele amava o futebol. Amava o seu América (abaixo), clube pelo qual torceu a vida toda. Amava o seu Vasco, com o qual se consagrou em inúmeros títulos, principalmente o sul-americano de 1948

de Moura, 57 anos, torcedora do Fluminense e aposentada há três anos. Aparecida era a administradora do Chalé da Vovó na época em que Danilo esteve internado lá. "Eu era secretária, na época. Mas lembro que ele já chegou lá naquela fase da esclerose. Era um cara calmo, tranquilo, não era agitado. Ele não se lembrava mais da vida dele. Vivia naquele mundinho mesmo. Danilo ficou no Chalé da Vovó cerca de um ano e meio, dois anos, acho. Quem procurava falar mais de futebol com ele eram os funcionários. A gente ficava tentando perguntar, mas ele não lembrava, não conseguia responder."

Danilo não se recordava do passado de glórias que honradamente construiu. Apenas na memória do Príncipe restavam as imagens do filho Carlos Alberto e da amada Zelinda, que partira antes de Danilo, em 1985. Nossa reportagem encontrou personagens tão caras à história de Danilo graças à Emanuelly, que trabalha, atualmente, na secretaria do Chalé da Vovó. Emanuelly, que não conhecia a história de Danilo, sensibilizou-se com o que descrevemos para esta série de reportagens. Com esmero e paciência, ela, após três semanas de intensa procura, resgatou a ficha de Danilo em um antigo arquivo do asilo. Nela, há antigos números telefônicos de Carlos Alberto e do casal Cesar e Arminda, pais de Conceição, e o número da própria ex-esposa de Carlos Alberto. Todos os telefones não existem mais. Somente um deles, em nome do Carlos Alberto, completa a chamada, mas ninguém atende. Perdi a conta das vezes que liguei para o número do Carlos Alberto. Não me conformei e decidi ir à rua do Riachuelo, Centro do Rio, no endereço que consta na ficha encontrada por Emanuelly no Chalé da Vovó.

Dormi pouco naquela madrugada de 28 de outubro de 2020. Na minha agenda da manhã, uma pauta que me recusava definir como inexequível, ou seja, precisava e iria descobrir o paradeiro de Carlos Alberto Alvim. Convicto disso, levantei-me com a esperança de encontrá-lo, talvez o

único que poderia falar mais pessoalmente da trajetória do Danilo. Embarquei em um carro e cheguei ao prédio. Recebeu-me um jovem porteiro, o Flávio, que, após minha descrição de quem foi Danilo e o motivo para minha reportagem, respondeu que era "novo no edifício" e que "não tinha como ajudar". Ponderei se havia algum funcionário mais antigo para informar detalhes do Danilo. Para minha sorte, havia. O seu Tião, que falou comigo pelo interfone.

Ele imediatamente lembrou-se do Danilo e do filho. Disse que Carlos Alberto e a esposa haviam se mudado anos depois da morte do Príncipe. Indaguei: "Esposa?". O velho zelador respondeu: "Sim, esposa, a Conceição". Imediatamente veio à minha memória a ficha mostrada por Emanuelly, onde constavam os nomes das pessoas ligadas ao Danilo. Até ali o repórter não sabia ser Conceição a nora do Danilo. Retruquei, então: "Mas o nome da esposa do Danilo era Zelinda, e ela morreu anos antes do Danilo partir". Seu Tião corrigiu-me. "A Conceição, meu filho, era esposa do Carlos Alberto. Via sempre ele passar por aqui depois que se mudaram. Há muito tempo que não o vejo mais. Mas vejo sempre a Conceição. O Carlos Alberto deve ter morrido. Acho que sim. Ele trabalhava, me lembro bem, no [órgão público do] estado". Insisti, porém, se saberia informar para onde teriam ido o filho do Danilo e a Conceição. Ele respondeu: "Aqui pertinho, na [rua] André Cavalcanti. Não sei o número, mas não há erro. Fica quase em frente ao IBGE. Pega [sic] à direita que você consegue."

Localizei o prédio do IBGE descrito por seu Tião. Estava convicto de que encontraria a ex-nora do Danilo. Toquei o interfone de vários edifícios, como ele recomendou, e perguntei por Conceição aos porteiros e alguns moradores que, gentilmente, atenderam-me. Mas em alguns prédios não obtive resposta. Pressenti, entretanto, que estava prestes a encontrá-la. Prostrei-me uns quinze minutos embaixo das janelas de alguns destes pequenos edifícios onde ninguém atendia e, presumivelmente, não havia porteiro: "É agora! Conceição vai pintar em uma destas janelas", pensei, para, em seguida, gritar. E, incansavelmente, gritei, sei lá, uns quinze minutos.

Minha ida à rua André Cavalcanti naquela manhã foi, em tese, infrutífera. Mas obtive a importante informação de que havia uma Conceição que ajudou a cuidar do Danilo Alvim na reta final do ídolo e que tinha sido esposa do filho dele. Voltei ao edifício da rua do Riachuelo e informei meus contatos ao seu Tião, que garantiu que os passaria à Conceição logo que a encontrasse casualmente pelas ruas do bairro de Fátima.

O passado do Danilo parecia arredio e insistia em perder-se. Mas esse passado parece render-se à obstinação do repórter. Dois dias depois da investida pela rua do Riachuelo, o resultado foi mais que positivo. Foi excepcional. Conceição ligou. Seu Tião a encontrou e avisou que havia um jornalista à procura dela para entrevis-

REVISTA GOAL!

MANCHETE ESPORTIVA

Com Nilton Santos e Didi em 1957: o sorriso com a camisa branca da seleção, apesar da derrota de 1950, que o entristeceria para sempre

tá-la. No mesmo dia, ela telefonou para o repórter.

A história de Danilo Faria Alvim começara, enfim, a ser definitivamente recuperada. No breve telefonema, a nora do ídolo da seleção brasileira recordou o momento em que conviveu com Danilo e imediatamente se prontificou a nos conceder uma entrevista. Mas e o Carlos Alberto Alvim? Qual, afinal, seu paradeiro? Igualmente à Emanuelly, do Chalé da Vovó, Conceição tornou-se peça imprescindível para ouvirmos o filho do Príncipe Danilo, que é (ou deveria ser) a principal fonte da série de reportagens do Museu da Pelada sobre o pai dele.

Conceição conheceu Carlos Alberto em 1991. Iniciaram um namoro e logo foi apresentada ao Danilo. No ano seguinte, casaram-se e foram morar em um pequeno apartamento na rua do Riachuelo. Pouco tempo depois, mudaram-se todos, inclusive Danilo, para outro edifício na mesma rua, o mesmo onde trabalhara seu Tião. "Dali é que ele foi viver na clínica geriátrica, no Chalé da Vovó. Quando eu conheci o Danilo, ele já estava começando a apresentar problemas de depressão, não se lembrava de muitas coisas. De algumas pessoas ele já não se lembrava mais, mas do filho ele lembrava sim. Era uma luta para sair, até mesmo para ir ao banco receber um pagamento. Ir ao médico. Ele só gostava de ver televisão, ver jogos na televisão, dormia muito. Eu me lembro que ele falava que tinha calos

MANCHETE ESPORTIVA

Depois de pendurar as chuteiras, em 1956 (ao lado), ele viraria treinador de futebol; pelo América, seria homenageado (abaixo); morreria em 1996, se não no anonimato, sem a merecida fama construída pela elegância em campo e que se manteria na vida "civil"

MANCHETE ESPORTIVA

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

e que se um jogador descobrisse que ele tinha aquele problema no pé, atacava ele. Ele gostava muito de criança. Era alegre, porém depressivo. Falava que quando jogava era o 'Príncipe Danilo' e que as crianças cortavam o cabelo com aquele tipo dele, sabe? Ele gostava muito de doce. Não era diabético. Clinicamente, ele não tinha nenhum problema. Não era hipertenso, não era diabético. Era só mesmo a demência que ele tinha", descreve Conceição.

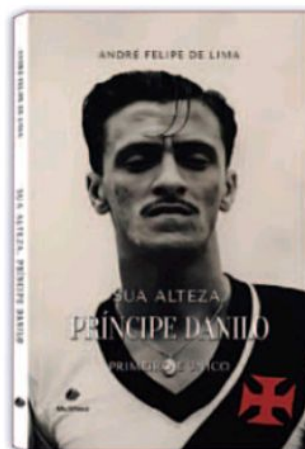
Danilo sofreu com a perda de Zelinda. O impacto da morte dela em 1985 foi muito forte para ele. Perdera o amor de sua vida. Daquele dia em diante, a vida ficou sem luz para o grande ídolo do futebol. Sem a sua "Zélia", como carinhosamente a chamava, nada mais faria sentido. O filho foi seu grande amigo, seu incondicional companheiro ao longo da vida e, fundamentalmente, nos últimos momentos dela. Danilo e Carlos eram inseparáveis. "A única coisa que recordo é o seguinte: não ia parente lá visitá-lo. Só o filho. O Carlos Alberto, que na época morava ali no bairro de Fátima, na rua do Riachuelo. Era só esse filho que o visitava. Dizia que era filho único. Ele trabalhava e não tinha como ficar com o pai em casa. Não tinha alguém para cuidar do pai. Eu via ele lá, geralmente, uma vez por semana", recorda a ex-secretária administrativa do Chalé da Vovó, a aposentada Aparecida. Testemunha daqueles últimos anos de Danilo, Conceição confirma a extrema dedicação do filho com o pai: "Carlos Alberto pagou tudo e ficou ao lado do pai o tempo todo."

"Lembro que uma vez, ouvindo uma rádio, um locutor, que já faleceu, falou do Danilo, que ele estava internado na clínica Chalé da Vovó, deu até o número errado, aí eu entrei em contato para ele dar o número certo para quem quisesse ir lá visitá-lo, mas não consegui. Esse locutor foi quem deu a notícia de que ele estava internado no Chalé da Vovó, no Paulo de Frontin, para quem quisesse — amigos ou parentes — irem lá visitá-lo", recorda Aparecida, referindo-se ao radialista Afonso Soares (1923-2007), que ganhou notoriedade pelos inúmeros bordões que criou para suas transmissões de rádio. E a mensagem do Afonso Soares realmente deu certo. Domingos, Ademir de Menezes e outros craques e também ídolos do passado foram visitar o Príncipe. Menos um: Pelé.

ACERVO ANDRÉ FELIPE DE LIMA

O choro depois do 2 a 1 contra o Uruguai, no interminável *maracanazo* que marcou uma geração

O Rei, que se dizia vascaíno desde criança e que certamente teve Danilo como um de seus ídolos de infância, infelizmente, não visitou o Príncipe. Teve oportunidade para isso. Conceição garante que Pelé teria escrito uma carta para Danilo, exaltando-o. A própria Conceição confundiu-se ao dizer que achava tê-la em sua casa. Mas essa suposta carta parece ter se perdido ou sequer existido. Independentemente da existência ou não desta carta, outra situação envolvendo Pelé e Danilo foi descrita por Aparecida. Uma senhora parente de uma das internas no Chalé da Vovó teria ido a um evento no Maracanã em que Pelé estaria presente. A tal senhora — enfatiza Aparecida — queria entregar uma carta sobre Danilo, mas Pelé a teria ignorado, o que a enfureceu. "Ela ficou revoltada, porque ninguém falava do Príncipe Danilo e ninguém procurou fazer uma homenagem para ele", conta Aparecida, lembrando que a senhora tinha praticamente a mesma idade do Príncipe e dizia ter acompanhado, pelos jornais e revistas, toda a carreira do ex-jogador.

Carlos Alberto Alvim entrou em contato com a reportagem do Museu da Pelada. Após a primeira e breve conversa por telefone, agendamos com ele uma entrevista, porém, um dia antes da data marcada, o filho de Danilo recuou. Em mensagem por WhatsApp, laconicamente escreveu: "Peço desculpas, mas não farei qualquer depoimento. Agradeço por lembrar do mesmo". Respeitamos a decisão do Carlos Alberto, mas o repórter não desistiu de resgatar a maravilhosa história de um dos mais gigantescos ídolos da história do futebol brasileiro: Danilo Alvim, patrimônio histórico da bola. ■

Sua Alteza, Príncipe Danilo – Primeiro e Único,
de André Felipe de Lima. Editora Multifoco, 146 páginas, 49,90 reais

O MAIOR FLA-FLU ENTRE MULHERES NO BRASIL

Comentarista do Futuro vai a 1983 ver o mítico Radar 1 x 0 Bangu, há exatos 40 anos, que terminou em pancadaria e é o principal embate na história do futebol feminino

Claudio Henrique Agá@comentaristadofuturo

Não há na cidade quem não tenha acompanhado ou ao menos ouvido falar desta partida de ontem, nesse 12 de outubro, entre Radar (1 x 0) e Bangu, decidindo o primeiro turno do Campeonato Carioca de Futebol Feminino. As emoções e energias em campo, apesar do espetáculo nada louvável de pancadaria ao final, magnetizaram torcedores e curiosos, e é muito bom que isso aconteça apenas seis meses após a regularização da modalidade de mulheres no país, até abril incompreensivelmente proibida por legislação anacrônica e, claro, machista. Preciso informar a vocês, queridos leitores e queridas leitoras de 1983, que sou um Comentarista do Futuro, que viaja ao passado para testemunhar jogos históricos, e assim posso garantir: dentro de exatos 40 anos, em outubro de 2023, de quando venho, não será mais este confronto que mobilizará a atenção de todos por se tratar da maior rivalidade nacional no esporte. O Corinthians, sim, o time do povo em São Paulo, assumirá este papel, em contraposição à Ferroviária, de Araraquara (SP). As próximas quatro décadas de lutas contra o atraso provoca-

Ponta-direita habilidosa, em determinados momentos Bel faz lembrar o estilo do ponta Renato, do Grêmio e da Seleção: parte para cima das adversárias com dribles ágeis e precisos. Depois, com a mesma disposição, vai deixar cair seu charme nas sessões de rock pauleira nas boates de Porto Alegre — mas desta vez com toda a galera a favor...

A BELA...

A torcida do Internacional anda chegando mais cedo ao Beira-Rio. O motivo se chama Bel, tem 17 anos e brilha intensamente nas partidas preliminares, tanto na bola como na graça

Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois, com a mesma graça, deu um soco vitorioso no ar. "Mata o velho, mata", gritou das gerais "seu" Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor colorado.

Na verdade, seu grito tinha um sentido maliciosamente dúbio: ao mesmo tempo em que comemorava mais um gol da equipe feminina do seu clube, Ambrósio festejava a beleza de sua autora, Isabel Araújo Nunes, 17 anos.

Com medidas de Miss — 1,67 m de altura, 87 cm de busto, 62 de cintura, 93 de quadris e 58 de coxas —, não é por acaso que Bel se transformou na alegria da torcida durante as partidas preliminares do Inter no Beira-Rio. Seu amor à bola começou, com o apoio da mãe, dona Ercília, aos 11 anos. "A bola era mais atraente do que a chata e passiva boneca", diz com convicção. Já marcou oito gols nesta temporada e pretende terminar o ano como artilheira do time. E tem uma qualidade que faz toda a galera delirar: a garra. Chora e briga se joga mal ou perde o jogo.

Com a mesma facilidade com que se livra das suas marcadoras, ao estilo do gremista Renato, costuma driblar os namorados: de 1981 para cá teve nada menos do que seis. Em função disso, curte suas fases de "liberdade", como está ocorrendo agora. E informa a quem possa interessar: "A primeira coisa que reparo no homem são as pernas".

É por isso que o goleiro Leão, tido como o mais belo par de pernas dos nossos estádios, conquistou um lugar na galeria dos seus ídolos.

PLACAR 49

FUTEBOL FEMININO

...E AS FERAS

Elas brigam também — e às vezes brigam feio, como na selvagem agressão ao juiz da decisão do Campeonato Carioca

Sim, o futebol feminino pode ser jogado por belas, como a jovem colorada das duas páginas anteriores, ou por feras — conforme aconteceu este mês, no Estádio de Moça Bonita, Rio de Janeiro, durante o jogo entre Bangu e Radar.

Era a decisão do I Campeonato Carioca de Futebol Feminino. O Radar, embora visitante, ganhou por 1 x 0, gol da apoiadora Cenira. De repente, começaram as cenas de selvageria, mostradas mais tarde na televisão. Irritado porque o árbitro Ricardo Ferreira não marcara um "pênalti indiscutível" a favor de seu time, o notório presidente do conselho deliberativo do Bangu, Castor de Andrade — que, aborrecido, agora promete evitar ir aos jogos do seu clube —, comandou seguranças e torcedores num massacre contra o juiz. Junto a eles, estavam três jogadoras da equipe da casa: Sandra, Betinha e Sara.

Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva por 30 dias. Quem achar que foi pouco, pode esperar pelo novo julgamento, marcado para esta terça-feira, dia 25. Mas sem muitas esperanças. "Futebol é paixão", filosofa o eterno presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro, Otávio Pinto Guimarães. "E paixão é assim mesmo." Se isso pode prenunciar alguma absolvição, resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter — e que as feras voltem às jaulas. ●

Sara, do Bangu: suspensa

Castor de Andrade: irritado, comandou toda a perseguição

Jogadoras do Rio já haviam intimidado outros árbitros (acima, as "feras" do Ponto Frio). Mas o clímax da violência aconteceu no campo do Bangu — o Moça Bonita. A vítima foi o juiz Ricardo Ferreira

50 PLACAR

E foi assim, com machismo escancarado, que PLACAR contou aquela triste jornada: o tempo passa, ainda bem...

do pela proibição imposta às mulheres trarão muitas conquistas, embora ainda longe do ideal. Os principais clubes do país já terão equipes e investimentos na prática do futebol feminino, as principais TVs e outras mídias (vocês não imaginam quantas...) farão cobertura e transmissão de jogos, e os estádios já terão lotação máxima em partidas decisivas. Mas ainda não terá acontecido, até pela mágica força da nostalgia, confronto mais épico e mítico do que este travado ontem em Moça Bonita. Só quem viu entenderá...

A nota mais triste deste confronto será o discurso final de Castor de Andrade, patrono do Bangu, às jogadoras ao final da disputa (do terceiro jogo) no vestiário: "O time vai acabar". Pena... Por mais reprováveis que sejam as atitudes de Castor e seus seguranças, a equipe banguense colaborou, ou melhor, colabora e muito para o crescimento do Futebol Feminino no Brasil. Adianto logo a todos, queridos leitores e queridas leitoras de 1983, que o time de Moça Bonita (baita nome apropriado!) será o campeão do segundo turno e as duas equipes se digladiarão pela taça do Estadual, com triunfo do Radar, o chamado "time que nunca perdeu". Será mesmo? Dentro de 40 anos, seguirão paupérrimos os registros e dados sobre partidas e campeonatos oficiais da modalidade, mas depoimentos de atletas, principais testemunhas da épica jornada, jogarão por terra esse mito, admitindo que aconteceram, sim, derrotas, poucas, duas ou três, mas reais. De certa forma, neste ano de 1983, em que já partiram Garrincha (em 20 de janeiro) e Clara Nunes (em 2 de abril), talvez tenhamos começado a perder também o preconceito contra o futebol de mulheres. Este Radar de Copacabana será, anotem, hexacampeão estadual e também da Taça Brasil (competição nacional), numa hegemonia que permanecerá até 1988. Mas infelizmente, sinto informar, esta força não existirá mais em 2023. O que não diminuirá em nada, garanto, o mito a seu respeito. Grande Radar!

Sobre a balbúrdia de ontem, iniciada após o árbitro, Ricardo Durans, não marcar um suposto pênalti a favor do Bangu, serão denunciados na Justiça o patrono Castor, seus seis seguranças (os sete vistos e flagrados pela TV correndo pelo gramado atrás do trio de arbitragem, muitos com arma em punho) e ainda duas jogadoras do alvirrubro, Sara Custódio e Elizabeth Costa. Mas já adianto que a corda vai estourar, como sempre, no lado "mais fraco": só as duas vão se declarar culpadas e serão condenadas, junto com dois dos "capangas". Castor? Acabará absolvido, vai comemorar deixando o Tribunal sob o som da bateria da Portela e, no próximo século, virar tema de documentário num prestigiado canal de mídia. Poderosos que se mantêm acima da lei: o tempo passa e não é tudo que conseguimos melhorar no Brasil. ■

QUANDO O VAR ERA SÓ UM SONHO FELIZ

Em 2013, PLACAR endossou a demanda pela entrada da tecnologia no futebol, com o uso de câmeras para auxiliar os árbitros nas decisões de campo. Será que as previsões daquele tempo se confirmaram?

MONTAGEM DE MARCELO CALENDA SOBRE FOTO DE RICARDO CORRÊA

Há pouco mais de dez anos, PLACAR cravou: "Nenhum esporte do mundo parece tão arcaico como o futebol. São 150 anos desde que as primeiras regras foram definidas. Desde então, apenas oito mudanças foram realizadas." A reportagem, que ocupava dez páginas da edição de março de 2013, prosseguia explicando as vantagens de algo que parecia inevitável: utilizar as câmeras de TV para ajudar o juiz e seus auxiliares a (tentar) errar menos, sobretudo em lances difíceis e polêmicos. Três anos mais tarde, em agosto de 2016, um monitor instalado atrás de um dos gols permitiu anular um pênalti marcado em campo, pois as imagens mostravam que a falta tinha sido fora da área. A estreia quase silenciosa da ferramenta ocorreu num jogo entre Orlando City II e New York Red Bulls II, pela terceira principal liga dos Estados Unidos. Em 2018, na Copa do Mundo da Rússia, o VAR (sigla em inglês para árbitro assistente de vídeo) passou a ser usado na principal competição da Fifa. Naquele mesmo ano, a CBF lançou mão do equipamento pela primeira vez nas quartas de final da Copa do Brasil. Hoje a tecnologia está presente em todos os jogos das Séries A e B do Brasileirão, bem como nas fases decisivas da Copa do Brasil, da Sul-Americana e da Libertadores – além dos jogos entre seleções. A revolução provocada no esporte, porém, está longe de ser uma unanimidade, sobretudo em nosso país, onde ainda vemos muitos erros de interpretação por parte das equipes que ficam na "salinha do VAR". Nas próximas páginas, convidamos você a fazer uma pequena viagem no tempo e reler o que se dizia sobre os possíveis benefícios (mesmo sabendo que seria impossível eliminar as falhas e injustiças) dessa mudança nas regras que transformou o futebol para sempre.

TECNOLOGIA JÁ

PASSOU DA HORA DE O FUTEBOL UTILIZAR RECURSOS EXTRACAMPO PARA AJUDAR OS JUÍZES. SAIBA COMO OS AVANÇOS EM OUTRAS MODALIDADES PODEM AJUDAR, SEM DEIXAR CHATO O MAIS SAGRADOS DOS ESPORTES

Por Fabio Soares

Nenhum esporte do mundo parece tão arcaico como o futebol. São 150 anos desde que as primeiras regras foram definidas. Desde então, apenas oito mudanças foram realizadas – a últimas delas, em 1992, proibiu que o goleiro agarrasse com as mãos um recuo que não fosse com o peito ou a cabeça, um golpe e tanto nos "enceradores". No que diz respeito à arbitragem, a resistência ao novo parece ainda maior. A Fifa prefere multiplicar os olhos humanos, como no caso da adoção do decorativo árbitro de linha, a pedir a ajuda das máquinas.

O futebol mudou, tornou-se mais dinâmico. Os jogadores correm muito mais. Por outro lado, nada escapa às onipresentes câmeras de TV. Arbitrar hoje é um tremendo abacaxi. Os juízes estão muito mais expostos. Exigir que não errem é uma desumanidade. A passos de cágado, a Fifa começa a discutir a implantação do uso da tecnologia para diminuir os erros de arbitragem. Pressionada por falhas grotescas na Copa do Mundo de 2010 e na Euro 2012, a entidade aceitou testar no Mundial de Clubes recursos para detectar se a bola entrou ou não no gol. O Hawk-Eye (sistema de câmeras) e o GoalRef (chip na bola) não precisaram ser acionados no torneio do Japão, mas receberam o aval para a Copa das Confederações e a do Mundo. É pouco. A tecnologia pode ajudar muito mais.

Mas por que a Fifa resiste a ir além? Porque teme a "descaracterização do jogo". Críticos às mudanças dizem que a arbitragem eletrônica afetaria a agilidade, emoção e até as discussões de bar. "As partidas durariam 5 horas", diz o presidente da Uefa, Michel Platini.

Não é verdade, e PLACAR vai mostrar por quê. Está na hora de colocar ao lado dos juízes, e não contra, recursos capazes de aprimorar a arbitragem. Não se trata de propor um uso excessivo – na maior parte das modalidades que adotam a tecnologia, ela auxilia juízes a dirimir dúvidas exclusivamente em lances capitais.

O TÊNIS DESAFIA

Veja o caso do tênis. Começou, no início dos anos 1990, a usar um feixe de luz na área de saque. Depois vieram o sensor na rede e, desde 2005, o mesmo Hawk-Eye testado hoje no futebol e a ferramenta dos "desafios", situação em que o tenista pode contestar a decisão da arbitragem em relação a uma bola que pingou dentro ou fora. "Os jogadores acertam em 30% dos casos", diz Carlos Barbosa, brasileiro com experiência como árbitro de cadeira em finais de Grand Slam. Os vereditos são exibidos em telões e levam cerca de 30 segundos. "Tornaram-se uma atração à parte", afirma Barbosa. Segundo Ricardo Reis, coordenador técnico e de arbitragem da Confederação Brasileira de Tênis, a instalação de um sistema como esse custa cerca de 100.000 reais. Em um estádio de futebol, essa quantia seria de 500.000 reais. Não é um custo inviável para torneios de elite. E o argumento de que não daria para "universalizar" a utilização dos recursos não é suficiente para barrá-la nos principais palcos. No tênis, o aparato eletrônico, segundo Reis, está longe de ser universal, mesmo nos mais badalados torneios. "Apenas Indian Wells [Estados Unidos] tem a tecnologia do desafio em todas as quadras. A maioria das grandes competições, até mesmo Wimbledon, a utiliza somente nas quadras centrais." E no futebol, diga-se, essa falta de padrão estrutural já impera. Não há comunicação eletrônica entre os árbitros, spray para marcar distância da barreira ou juiz ao lado das traves em competições mais modestas.

O futebol americano é um dos esportes mais abertos à tecnologia. Além de sete juízes em campo, técnicos também têm direito de desafiar a arbitragem, que por sua vez pode recorrer ao replay em uma lista de 20 tipos de lance. Quem se opõe à tecnologia costuma citá-lo como modelo de esporte

Não se trata de propor um uso excessivo das câmeras – na maior parte das modalidades que adotam a tecnologia, ela auxilia juízes a dirimir dúvidas exclusivamente em lances capitais

MITOS E VERDADES

SOBRE O USO DA TECNOLOGIA PARA AJUDAR OS JUÍZES NO FUTEBOL

VERDADE

NÃO ACABARÁ COM OS ERROS

Mas reduzirá radicalmente. Sobretudo em lances cruciais, como para verificar se a bola entrou ou não totalmente dentro do gol. Ou em impedimentos. Lances por vezes impossíveis de ver a olho nu. Nas faltas, mesmo podendo rever a jogada por dezenas de ângulos, sempre vai pairar dúvida.

MITO

QUEBRA O RITMO DO JOGO

Quanto demoraria para um quarto árbitro, sentado à frente de um monitor, ver um replay e informar ao juiz principal via ponto eletrônico? Essa comunicação já existe entre o juiz e os bandeirinhas e o torcedor nem percebe. No tênis, o veredito do "desafio" é anunciado em até 30 segundos.

MITO

TIRA AUTORIDADE DO JUIZ

O futebol americano usa e abusa dos replays e ainda assim tem sete árbitros. O poder é mais descentralizado. No futebol, se o juiz tiver a prerrogativa de pedir a revisão do lance e mantiver soberania na decisão, não perderia atribuições. Ganharia, sim, auxiliares mais úteis.

VERDADE

COMPROMETE A UNIVERSALIDADE

Acentua, mas a desigualdade já existe. A tecnologia, de início, ficaria restrita às ligas endinheiradas. Em outros esportes também é assim. A comunicação eletrônica entre os árbitros, o spray e os juízes na linha de fundo, por exemplo, não são universais. Nem sequer os gramados são uniformes.

MITO

GASTO ELEVADO DOS RECURSOS

Tanto o Hawk-Eye (câmeras por todo o estádio) quando o GoalRef (chip na bola), testados pela primeira vez no último Mundial de Clubes, custam entre 300.000 e 500.000 reais. Mixaria se comparado à folha de pagamento mensal da maioria dos elencos da Série A. Para um time grande, não seria um desfalque vultoso.

truncado. De fato, uma partida dura 3 horas e meia. A tecnologia, porém, não tem culpa nisso. Segundo Jean Pierre Soares, presidente do Conselho Nacional de Arbitragem de futebol americano no Brasil, cada revisão de imagem leva em torno de 1 minuto e meio. Somados os limites de dois pedidos por treinador e os dois da arbitragem, são 9 minutos de acréscimo. "E não me lembro de um jogo em que se tenha chegado a isso", diz Soares. O lance mais discutido do ano passado no Brasileirão, o gol de mão de Barcos pelo Palmeiras contra o Internacional, provocou uma paralisação de 6 minutos na partida até o árbitro Francisco Gados Nascimento ordenar a anulação do tento. Seguiram-se 12 dias até o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidir que o jogo não seria anulado.

DURO DE APITAR

Nos dois tipos de futebol, o da bola oval e o da redonda, as dimensões do campo e o número elevado de jogadores dificultam bastante a visualização de certas infrações. Por exemplo: estudos revelam como a limitação do movimento dos olhos humanos torna a marcação de determinados impedimentos pura loteria. Em artigo publicado no *British Medical Journal*, uma das mais respeitadas publicações da área, o médico espanhol Francisco Beida Maruenda demonstra ser impossível para o bandeirinha ao mesmo tempo observar o lançador e acompanhar as movimentações do atacante e do defensor. Beida afirma que o olho humano demora cerca de 23 centésimos de segundo para ir de um ponto a outro, se fixar e se acomodar. Quando a imagem do lance fica clara para a tomada de decisão do bandeirinha, os jogadores já não estão mais em suas posições originais. Se zagueiro e atacante correm em direções contrárias, 23 centésimos são suficientes para mudar drasticamente a cena do lance.

O ex-bandeirinha Roberto Braatz conta que há mecanismos para apri-

BOLA ENTRA, MAS JUIZ ENCERRA O JOGO

ZICO / Brasil x Suécia, Copa de 1978

Como o BASQUETE resolveria

Os três árbitros de quadra prendem à cintura o Precision Time, aparelho acionado quando a bola entra em jogo. É usado para controle do tempo durante toda a partida. E na mesa, ao lado da quadra, há um monitor de replays, cujo uso é limitado aos finais de um período (lance completo). Ajuda a decidir se um arremesso saiu dentro do limite de posse de bola ou se vale 2 ou 3 pontos. Os técnicos podem requerer o replay, mas a decisão de consulta é do árbitro principal.

GOL LEGAL, JUIZ NÃO DÁ

CAMANDUCAIA / Santos x Botafogo, Brasileiro de 1995
FABIANO / Brasil x Camarões, Olimpíada de 2000

Como o HÓQUEI resolveria

Os replays das imagens gravadas por câmeras nas traves valem também para julgar impedimentos – ainda que no hóquei isso seja mais raro, pois, como no futebol, há juízes específicos para essa infração.

MÃO NA BOLA, JUIZ NÃO VÊ

HENRY / França x Irlanda, Eliminatórias 2009
MARADONA / Argentina x Inglaterra, Copa de 1986

Como o RÚGBI resolveria

O esporte usa o TMO (Television Match Official). As imagens geradas pelo sistema podem ser solicitadas em lances de pontuação (try, 5 pontos) ou nos chutes (2 ou 3 pontos), além de faltas graves. Apenas o juiz principal tem a prerrogativa de pedir o replay. O sistema conta, no mínimo, com dez câmeras, três em cada área de try.

BOLA NÃO ENTRA, JUIZ DÁ

GOL DE GEOFF HURST
Inglaterra x Alemanha, Copa de 1966

Como o TÊNIS resolveria

O esporte adota o Hawk-Eye desde 2005. O sistema cruza imagens de câmeras posicionadas nas linhas da quadra para definir se a bola foi dentro ou fora. Cada jogador tem direito a três desafios por set. Se estiver com a razão, não perde o pedido. As imagens são analisadas por um juiz numa sala ao lado da quadra, que passa a informação ao árbitro de cadeira. O desafio deve ser lançado antes de outra jogada ocorrer. Exibido em grandes monitores, tornou-se uma atração à parte nos grandes torneios do circuito.

AGRESSÃO NÃO MARCADA

PÊNALTI COMETIDO POR NILTON SANTOS
Brasil x Espanha, Copa de 1962
COTOVELADA DE PELÉ / Brasil x Uruguai, Copa de 1970

Como o BASQUETE resolveria

Com o mesmo monitor de replays, na mesa ao lado da quadra. Na NBA e no basquete universitário dos Estados Unidos, a consulta das imagens vale também para lances de faltas e pode ser pedida a todo instante do jogo.

BOLA ENTRA, JUIZ NÃO DÁ

LAMPARD / Alemanha x Inglaterra, Copa de 2010
MICHEL / Brasil x Espanha, Copa de 1986

Como o HÓQUEI resolveria

Há câmeras nas traves e um sensor aciona um sinal luminoso quando o disco ultrapassa a linha de gol. Mesmo assim há um juiz monitorando as imagens.

GOL ILEGAL, JUIZ DÁ

BORGES, IMPEDIDO / Goiás x São Paulo, Brasileiro de 2008
TÚLIO E MARCELO PASSOS / Santos x Botafogo, Brasileiro de 1995

Como FUTEBOL AMERICANO resolveria

Nos dois últimos minutos do segundo e quarto períodos a arbitragem pode recorrer ao replay, sem necessidade de ser desafiada. Um juiz fica numa sala de monitoramento e essas imagens valem para mais de 20 ocorrências de jogo. Os treinadores podem confrontar uma decisão da arbitragem duas vezes, desde que ainda tenham pedidos de tempo a fazer e que o jogo não esteja nos dois minutos finais do segundo e quarto quartos. Para isso precisam lançar uma bandeirola vermelha ao campo logo depois do lance sob suspeita. Se o técnico estiver errado, perde um pedido de tempo.

morar a visão periférica. "Treinamos com aproximação e distanciamento de objetos em deslocamentos rápidos." Mesmo assim, concorda que há lances impossíveis de marcar com exatidão. "Digo que um bandeira tem de ser como aquele craque capaz de ver lances impossíveis aos atletas comuns." O ex-juiz Renato Marsiglia, hoje comentarista de arbitragem, brinca ao comentar que "o bandeira ideal tem de ser estrábico".

A ADAPTAÇÃO

Embora reconheçam a limitação humana e a necessidade de ajuda tecnológica, ex-árbitros ouvidos por PLACAR admitem a dificuldade de adaptá-la às regras. Para Leonardo Gaciba, também ex-juiz e hoje comentarista da TV Globo, as únicas certezas são que tais recursos poderiam influir somente em lances como gol e impedimento. "Em situações disciplinares [como faltas] haverá sempre necessidade da interpretação do juiz."

Levantamento realizado pelo jornalista e pesquisador Valmir Storti traçou um minucioso raio X da atuação de juízes e bandeirinhas no último Brasileirão. No trabalho, Storti dissecou 380 jogos, todos gravados e revistos. Decisões da arbitragem em que a conclusão não era absolutamente clara, ou por não terem sido captadas pelas câmeras ou por serem demasiado interpretativas (caso de alguns pênaltis), foram classificadas por ele como duvidosas. No total, foram marcados 1.797 impedimentos na competição, sendo 1.214 corretos (67,6%), 359 duvidosos (20%) e 224 errados (12,4%). Os tira-teimas registraram 45 impedimentos não assinalados. Em dez deles, a jogada terminou em gol, dado importantíssimo para o debate em questão. Ora, se a utilização da tecnologia for limitada a lances de gol, apenas dez impedimentos teriam de ser revistos durante o Campeonato Brasileiro inteiro. Em relação à quantidade e ao tempo de paralisação dos jogos, é pouco. Em termos de influência nos resultados, no entanto, seriam decisivos, pois oito desses duelos terminaram empatados ou com vitória por diferença de somente um gol.

"Pela dinâmica do futebol, não vejo como fazer tantas paradas como no tênis, mas para verificar se a bola entrou precisa haver recurso externo", analisa Tite, técnico do Corinthians. Ele cita o gol não validado da Inglaterra no confronto ante a Alemanha na Copa passada. "A bola entrou meio metro. A discussão de bar deveria ser sobre qual time foi melhor, não a respeito de erros da arbitragem."

No Brasil, um jogo marcado por falhas decisivas do juiz foi a final do Campeonato Brasileiro de 1985, entre Santos e Botafogo. O juiz Márcio Rezende de Freitas errou em três gols. Nos dois validados, o dos cariocas foi marcado em impedimento e o do Santos teve o atleta conduzindo a bola com a mão. No único tento legal, o árbitro marcou impedimento. Com o ponto eletrônico e cobertura das câmeras existentes hoje, Freitas poderia ter sido alertado bem antes de chegar ao meio-campo para reiniciar a partida. O ex-meia Giovanni, estrela santista daquele time de 1985, sugere aliar a tecnologia a uma participação mais ativa do árbitro que fica ao lado das traves. "Com o chip na bola, não precisa um juiz só para ver se a bola entrou."

É PRA JÁ!

Mas é possível colocar tudo isso em prática? Sim, e já. Chips na bola e câmeras para determinar se a bola cruzou a linha do gol são unanimidades e já foram aprovados. Com a nova tecnologia, há a possibilidade de aproveitar melhor os recursos humanos – o juiz ao lado da trave fica livre para ajudar a marcar outros lances, como pênaltis e escanteios. Mas não se pode parar por aí.

Por que não adotar a revisão de imagens nos lances de gol em que o chamado quarto árbitro, em vez de atuar como babá de técnicos indisciplinados, seja encarregado de ver o replay a partir de uma tela instalada em sua mesa e, caso encontre alguma irregularidade, possa informar o juiz? Ou que, pelo ponto eletrônico, alerte o juiz de campo sobre a irregularidade, chamando-o para rever o lance por diferentes câmeras? Isso leva poucos minutos, o tempo de uma comemoração e o realinhamento das equipes em seus campos. É importante dizer que o juiz de campo deve ser soberano para acatar ou recusar o chamado do quarto árbitro, bem como decidir se o gol vale ou não. Outro ponto importante é não retroceder demais o lance, limitando-se, por exemplo, à assistência e ao toque final.

A tecnologia, ressalta Leonardo Gaciba, não é 100% eficaz. E lembra dois casos emblemáticos. Um no Mundial sub-17 realizado no Peru em 2005, quando a Fifa também testou chip nas bolas. "O sistema sinalizou gol em dois chutes em que a bola entrou na rede pelo lado de fora. Nesses casos, a tecnologia poderia ter induzido o juiz ao erro." No outro, na Copa de 1998, o juiz norte-americano Esfandiar Baharmast foi enxovalhado por um pênalti apitado contra o Brasil na partida diante da Noruega.

Durante a transmissão, nenhuma câmera oficial captou a falta de Júnior Baiano. Dias depois, a imagem de um documentarista sueco mostrou o puxão do zagueiro brasileiro na camisa do grandalhão Tore Flo. Por outro lado, poderíamos preencher esta edição com erros crassos passíveis de correção pelo uso da tecnologia. Recursos para isso já existem. Os alemães da GoalRef anunciaram recentemente que seu sistema de câmeras pode apontar, além de gols, impedimentos em tempo real.

Enquanto a Fifa e os britânicos da International Board se mantêm longe de atravessar essa porta, certo mesmo é que a polêmica do uso da tecnologia no futebol continuará, ela própria, mantendo vivas as discussões de bar. ■

DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ

A tarde do Catar em que Lionel Messi arrastou o croata Gvardiol para o canto do gramado e fez dele gato e sapato, em cenas agora eternas

As Copas do Mundo são o que são por muitas vezes serem lembradas por lances inesquecíveis que não terminaram com a bola a estufar a rede – e somente o futebol, entre todos os esportes, concede esse tipo de felicidade. Em 1970, no mais belo gol perdido de todos os tempos, Pelé foi para um lado, a pelota para o outro, e lá estava o goleirão uruguaio Ladislao Mazurkiewicz lindamente desnorteado, como se participasse de um *pas de deux* falso no gramado do Jalisco, em Guadalajara, no México. Pelé – sempre Pelé, e não se deve condenar a repetição do nome, jamais – subiu muito mais do que um beija-flor de Dadá Maravilha, muito mais mesmo, e pôs a redonda lá onde nenhum ser humano do planeta Terra seria capaz de chegar, à exceção de Gordon Banks. E então, para ficar com um momento mais próximo na linha do tempo sentimental, e que certamente ecoará pelos milênios, relembremos a magistral jogada de Lionel Messi em 13 de dezembro de 2022, pela semifinal da Copa do Mundo do Catar, contra a Croácia.

Foi aos 24 minutos do segundo tempo. As arquibancadas do estádio Lusail ficaram mudas – e PLACAR garante ter sido assim porque tinha repórteres e fotógrafos lá. O camisa 10 argentino recebeu a bola na direita, na beirada do gramado, um pouco depois da linha do meio de campo. A vigiá-lo estava o zagueiro camisa 20, Josko Gvardiol, protegido por uma máscara, por ter fraturado o nariz. Messi foi com o pé direito, o ruim – ruim? –, e avançou. Chegou na altura da grande área, tentou invadi-la, mas não conseguiu. Foi para um lado, foi para o outro, duas vezes. De direita, de esquerda e, finalmente, de direita (de direita, o

O lindo balé do argentino, de direita, e não com a canhota: cena para ser guardada como os lances de Pelé que não terminaram na rede

canhotinho!), alçou a bola para a pequena área. Julián Álvarez tocou para marcar o 3 a 0. Os jornalistas, nas tribunas, do outro lado do campo, viam e reviam o balé, embasbacados. Em câmera lenta, de um ângulo, de outro, duas vezes – como se o diretor de TV, a pessoa encarregada de apertar os botões, fosse como Messi. Um torcedor sentado próximo da última fileira, bem pertinho do gramado, filmou tudo – e suas imagens viralizaram como poesia, para além do registro oficial das câmeras da Fifa. É mesmo uma beleza.

DE DIREITA, DE ESQUERDA E, FINALMENTE, DE DIREITA (DE DIREITA, O CANHOTINHO!), ALÇOU A BOLA PARA A PEQUENA ÁREA. JULIÁN ÁLVAREZ TOCOU PARA MARCAR O 3 A 0. OS JORNALISTAS, NAS TRIBUNAS, DO OUTRO LADO DO CAMPO, VIAM E REVIAM O BALÉ, EMBASBACADOS.

Gvardiol, depois da partida, não sabia se ria ou chorava, e foi como se tirasse a máscara de borracha, metaforicamente – mas é certo que demonstrou orgulho por ter participado de um momento histórico, que a velocidade e a capilaridade das redes sociais ajudam a multiplicar. "Poderei dizer às crianças que marquei Messi durante 90 minutos", disse. O que mais dizer? O jornalista Juca Kfouri, ex-diretor de redação de PLACAR, em sua coluna na *Folha de S.Paulo* resumiu o espetáculo: "Era Messi, era Mané, era Chaplin. Mané Messi fez de Josko Gvardiol um joão". ■

FOTOS RODOLFO BUHRER / FOTOARENA

O SUOR DO ALEMÃO

Um ano inteiro de lutas registrado pela lente de um dos grandes fotógrafos de PLACAR, paciente e minucioso

Hélio Alcântara

Estava tudo errado naquele 1981. O time não se encontrava em campo, o técnico Brandão andava nervoso e não abria diálogo com os jogadores. Para piorar, o presidente Vicente Matheus controlava desde as contratações de atletas até o cafezinho servido no clube. Wladimir estava tão desanimado que chegou a pensar em deixar o Corinthians, especialmente quando viu Matheus driblar o estatuto do clube para continuar mandando – agora como vice. Waldemar Pires, eleito presidente na chapa, era apenas uma peça decorativa.

A vida seguiu, mas o cotidiano só piorou. Brandão brigou com Matheus e foi embora. Intolerante e autoritário, o presidente negociou Amaral, um dos maiores zagueiros do futebol brasileiro. O time acabou em 8º lugar no Paulista e em 26º no Brasileiro. As duas colocações jogaram o Corinthians na Taça de Prata, a 2ª Divisão. Então Matheus foi afastado, Pires assumiu e descentralizou o poder. Foi assim que um sociólogo e dono de fábrica de doces chamado Adilson Monteiro Alves desembarcou no clube como novo diretor de futebol. Wladimir olhou e pensou "isso não pode dar certo". Adilson era filho de um dos vice-presidentes e chegou dizendo que não entendia nada de futebol, além de estar emocionado porque seus ídolos estavam ali na frente dele. Sócrates e Zé Maria também pensaram que aquilo não daria certo, mas a única alternativa era tentar.

Quando Wladimir ouviu o novo diretor propor trabalhar na base das discussões e do voto, ficou esperançoso – outros poucos companheiros acharam aquilo interessante, mas também uma maluquice, pois todos os atletas estavam acostumados a cumprir ordens. Sem opções, mergulharam no projeto. O ambiente se transformou, e o time passou a ganhar. Em poucas semanas, com o auxílio do experiente Eduardo e do jovem Casagrande, saiu da Taça de Prata e se encaixou na fase final da Taça de Ouro, ao lado de três gigantes: Flamengo, Atlético-MG e Internacional. A imprensa, jogadores e torcedores adversários riram: o Corinthians não se classificaria num grupo tão forte e, portanto, não chegaria às oitavas do Brasileirão.

Wladimir seguiu focado. E, na estreia diante do poderoso Flamengo, foi para o jogo em silêncio. Não prometeu vitória – só o próprio suor e a união do elenco e da comissão técnica de Mario Travaglini. A partida começou, Wladimir entrou firme num adversário – quis mostrar que aquele grupo de jogadores do Corinthians tinha fibra. Eles haviam sofrido demais no último ano, levando paulada de todo lado e sendo tratados com descrédito por boa parte da imprensa. Naquela noite, entregaram tudo o que podiam aos quase 100 mil presentes no Morumbi. E Wladimir, num instante de explosão, marcou um dos gols mais belos e importantes de toda a sua carreira. O surpreendente 1 a 0 eletrizou a Fiel.

Ao final da partida (1 a 1), Wladimir deu entrevistas e foi deixando o campo, com o corpo empapado de suor. Era o suor de tudo o que ele e os companheiros tinham vivido até chegar ali. Andou na direção do vestiário e passou por uma das torres de refletores do estádio. Uma gota de suor desprendeu-se do seu queixo e quis chegar ao gramado. Foi quando o repórter fotográfico Ronaldo Kotscho, conhecido na imprensa por Alemão, fez a foto – ele tinha esperado pacientemente durante 90 minutos que o jogador passasse exatamente por aquele ponto. Ao ver Wladimir passar, Kotscho clicou sua máquina e eternizou toda a beleza de um ano inteiro de lutas. Tudo dentro daquela gota de suor. ■

Hélio Alcântara é poeta, escritor e jornalista, autor do livro *Wladimir – O Capitão da Democracia Corinthiana* (Editora Letras do Pensamento)

RONALDO KOTSCHO

Wladimir, o lateral-esquerdo que não errava, na estreia da fase final da Taça de Ouro de 1982: a gota de suor que está prestes a cair do queixo resume o que foi aquele ano do Timão

O DIREITO DE SER O QUE QUISER SER

Como uma bandeira ecumênica serviu de recado de respeito, inclusão e tolerância a todas as torcidas nos shows dos Titãs em São Paulo

Charles Gavin

"Baterista dos Titãs usa camisa do Confiança durante show em Aracaju — músico vestiu a azulina em apresentação da turnê Titãs Encontro na capital sergipana. A atitude deixou a torcida animada e gerou repercussão nas redes sociais".

A ideia ocorreu momentos antes da passagem de som para a apresentação que faríamos naquela noite, na simpaticíssima Aracaju. Longe de ser uma jogada de marketing, envergar a camisa do time mais tradicional da capital sergipana seria, antes de mais nada, um gesto de identificação, uma homenagem àqueles que não estão na lista dos clubes mais ricos do futebol brasileiro. Quem ama o esporte bretão sabe do que estou falando.

Bem, ao perguntar onde eu encontraria os uniformes dos dois times mais populares de Aracaju, o motorista foi categórico: "A loja do Confiança fica a dez minutos daqui. Já a do Sergipe é do outro lado da cidade, é longe. E, venhamos, o Confiança é uma equipe fundada pelos operários de uma fábrica de tecidos...". Verdade – a Associação Desportiva Confiança foi criada na expressiva data de 1º de maio de 1936, por três funcionários da Tecelagem Confiança. A princípio, seria uma agremiação esportiva para a prática de basquete e voleibol para seus empregados, apenas. Porém, em 1949, criou-se o time de futebol para disputar o campeonato estadual (seria campeão em 1951). As origens proletárias do Confiança me ganharam. Lembrei-me da partida contra o Flamengo pela Copa do Brasil de 2016, na qual o rubro-negro foi batido pelo placar de 1 a 0, chamando a atenção da imprensa carioca.

Convencido do que fazer, fui até a tal lojinha e arrematei o uniforme do Dragão. Imaginei que pudesse haver alguma repercussão, o que, de fato, aconteceria. Durante o show, dezenas de imagens destacando a camisa do Confiança, no palco dos Titãs, começaram a circular, a se multiplicar, viralizando nas redes sociais. A reação do público foi vigorosa – acredito que até os torcedores do Sergipe gostaram. Naturalmente, tamanha ressonância na web. Ao final da apresentação, Átila, o chefe da segurança (só o nome já impõe respeito), me provocou: "Professor, eu consigo uma camisa do Bahia. Você usaria o manto no show, amanhã?". Respondo: "Sim, meu mestre, claro. Adoro o Bahia".

Na noite seguinte, em Salvador, com ingressos esgotados, tocamos no imponente estádio da Fonte Nova e, conforme prometido, vesti a camisa do EC Bahia. Novamente, o comportamento da massa se revelou um evento à parte, sendo

MARCOS HERMES

O pendão LGBTQIA+ com os tons do arco-íris: no avesso da polarização e rivalidade, em ideia acatada com simpatia por toda a banda

Charles Gavin é músico, apresentador e pesquisador. Nasceu em São Paulo, em 1960. Jogou futebol na várzea paulistana nas posições de quarto-zagueiro e lateral esquerdo até os 23 anos. Em 2001, mudou-se para o Rio de Janeiro. Desde 2011, integra a bancada do programa esportivo Redação SporTV.

que, em determinados momentos, independente do que estava se passando no palco titânico, notamos algo diferente: pessoas pulavam, esbravejavam e comemoravam como se um lance de perigo de gol ou o próprio gol tivesse acabado de acontecer. E a banda, perplexa, se perguntava: "O que é isso? Certamente, não tem a ver com o que estamos tocando nem dizendo". Horas depois, checando as redes sociais, entendemos: simplesmente, cada vez que a camisa do Bahia era exibida no conjunto de telões de alta definição, que fazem parte do imenso aparato visual desta turnê, a plateia da Fonte Nova enlouquecia, sacudindo, gritando, berrando, remetendo até ao frenesi do Carnaval de Salvador. Nosso Átila, torcedor fervoroso do tricolor soteropolitano, me parabenizou: "Arrebentamos, Professor. O povo pirou... E agora? Como vai ser daqui para a frente? Vamos ter que usar a camisa do time de cada cidade que a gente pisar".

No dia seguinte, a reverberação na web do que ocorreu na Fonte Nova foi tremenda. O jornalista Marcelo Cavalcante, amigo que mora em Recife, me alertou: "Rapaz, o que pensa em fazer aqui? A rivalidade está cada vez mais radical. Vai ter que vestir as camisas dos três times. Senão, vai dar problema". Dito e feito — na chegada ao Recife, fui informado que as camisas de Santa Cruz, Sport e Náutico já estavam a caminho. Mas seria tranquilo para mim – aceitei o conselho. Minha afinidade com a música e o futebol de Pernambuco – a cultura de lá, em si – vem de longa data. Assim sendo, não haveria razão para declinar do desafio. Apenas que, no show, eu teria de encontrar um jeito de trocar de camisa entre as músicas. Detalhe: poucos minutos antes de nos dirigirmos ao palco, recebi a do Central de Caruaru, enviada pelos fãs. Em vez de três, agora eram quatro...

A reação do público recifense foi espantosa (o frevo é de lá, lembre-se!). Barulho ensurdecedor, aplausos, gritos, urros e vaias também. "Diversão é solução sim...". Os Titãs riam, faziam piadas, mas curtiam o desfile esportivo, até porque o futebol sempre foi assunto sério entre nós, objeto de debates infindáveis (Marcelo Fromer e Nando Reis chegaram a ter uma coluna esportiva semanal, nos anos 90, num dos principais jornais de São Paulo).

E seria assim ao longo da primeira fase da turnê. Não poderia imaginar, sequer prever, que um gesto, motivado pela paixão pelo futebol, seria algo aguardado e monitorado. As camisas do Botafogo da Paraíba, Ceará, Ceilândia, Gama, Vila Nova, Atlético Goianense, Goiás, Rio Branco, Desportiva Ferroviária e Comercial de Ribeirão foram chegando, uma a uma — um deleite só.

Vale relatar que o interesse pelos clubes (e seus uniformes) que não integram o seleto grupo daqueles que têm muito dinheiro na conta corrente iniciou-se nos anos 70, na adolescência, durante os campeonatos de futebol de botão que eram disputados no meu bairro, em São Paulo. Não me lembro de que forma a mania de confeccionar os próprios times de botão começou, de como virou obsessão. Mas não importa. A Placar, nosso portal para o mundo do futebol na época (não havia transmissões de jogos), nos abasteceu com imagens e reportagens ano após ano. O Campeonato Nacional (de 1971 a 1974) e a Copa Brasil (de 1975 a 1979), títulos que o Campeonato Brasileiro recebeu, com agremiações de quase todos os estados do país, formariam o macrocosmo futebolístico de turma. Recortávamos os escudos dos clubes das várias edições da Placar para montar os times — um universo lúdico onde a imaginação podia realizar o seu trabalho, recriando mitos, reescrevendo histórias. Ali nasceu a forte conexão com as agremiações do Pará, Amazonas, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Alagoas, Espírito Santo, Mato Grosso e por aí vai. Era uma forma de nos relacionarmos com outros lugares do país – e o futebol era o veículo. E de certa forma ainda é – a Copa do Brasil é isso.

À medida que a semana das apresentações no Allianz Parque se aproximava, as cobranças começaram: "E lá em São Paulo? O que vai fazer?". Eu desconversava... A polarização e a rivalidade, alojadas nos patamares tóxicos e perigosos dos dias atuais, representam uma questão complexa. "Você não torce para o time que eu torço. Então somos inimigos" – é a mentalidade que vigora hoje. Por isso, vestir uma camisa de determinado clube, nessas circunstâncias, é um ato a ser avaliado com extrema cautela. O espírito esportivo cedeu lugar, involuntariamente, à intolerância e à agressividade. A letra de Desordem, de 1987, que está no show, já anunciava: "Mais uma briga de torcidas/ Acaba tudo em confusão/ A multidão enfurecida/ Queimou os carros da polícia".

Tal impasse me conduziu de volta aos alicerces nos quais os Titãs edificaram sua obra: diálogo, debate, reflexão e sobretudo respeito. Desse modo, de maneira mais apropriada, em vez de vestir a camisa de um clube, correndo o risco de acirrar ainda mais os ânimos das torcidas adversárias, subi ao palco do Allianz Parque carregando a bandeira do Movimento LGBTQIA+, ideia incorporada por todos os Titãs. E foi assim que, ao final de cada uma das três apresentações em São Paulo, empunhamos a bandeira do arco-íris, reafirmando o direito de cada um de nós ser o que quiser ser, um recado de respeito, inclusão e tolerância a todas as torcidas. Alguém se opõe? Estamos conversados? ■

O ZAGUEIRO QUE NOS ENSINOU A LINHA DE IMPEDIMENTO

Marinho Peres, craque de Portuguesa, Santos, Internacional e Palmeiras, importou do Barcelona as lições aprendidas com Rinus Michels

A frase é do genial escritor e jornalista Ivan Lessa: "De quinze em quinze anos o Brasil esquece o que aconteceu nos últimos quinze anos". Verdade verdadeira, mas não deveria ser assim – e em poucos campos essa máxima cruel é tão verdadeira quanto no futebol. Não podíamos, de modo algum, ter relegado ao anonimato a trajetória de uma das carreiras mais interessantes no injusto mundo da bola: a do zagueiro Marinho Peres, sorocabano que viu e viveu de tudo e trouxe ao país um ineditismo, a inteligente linha de impedimento, que lá atrás era chamada de "linha burra". Ele a aprendeu na temporada de 1974 e 1975 no Barcelona, treinado pelo holandês Rinus Michels, que tinha comandado a Laranja Mecânica de Cruyff e companhia na Copa do Mundo da Alemanha. "Rinus era um espetáculo", disse o craque. "Sabia que fui o único brasileiro a ser treinado por ele? Na estreia oficiosa pelo Barcelona, ele não parava de me fazer sinais para subir no campo. Poxa, nunca tinha jogado assim, e disse isso mesmo nos vestiários, durante o intervalo. Mas o Rinus queria uma defesa ofensiva e eu tive de aprender essa marcação em zona com pressão. Mais tarde, quando saí do Barça para voltar ao Brasil, difundi esse esquema entre os brasileiros. O Scolari, por exemplo. Ele jogava no Caxias, eu no Internacional, e ficávamos horas falando sobre táticas do presente e do futuro."

J. B. SCALCO

Com a camisa da seleção na Copa de 1974: capitão escolhido a dedo por Zagallo por falar espanhol e inglês

Depois de iniciar a carreira no São Bento de Sorocaba, Marinho cresceu e apareceu com a camisa da Portuguesa. Jogou também pelo Santos, Internacional, Palmeiras e América-RJ, onde encerrou a carreira. Por onde passou, atento e afeito a bons relacionamentos, construiu laços e conhecimento, que acumulava para a etapa seguinte da carreira. Pelé, em fim de carreira, na temporada de 1973, não se cansava de ouvi-lo. Na seleção de 1974 – que foi lamentavelmente atropelada pela Holanda, lembre-se – ele vestia a braçadeira de capitão, escolhido por Zagallo pelas evidentes qualidades, mas também por falar espanhol e inglês. No Internacional campeoníssimo de 1976, era a voz da organização e calma ao lado de um outro cracaço, o chileno Figueroa. No Palmeiras de 1978 e 1979, era a garantia lá atrás, ao lado de Alfredo Mostarda. Ele morreu em 18 de setembro, aos 76 anos. Estava internado havia mais de um mês depois de uma pneumonia, além de sofrer com complicações nos rins e no coração. ■

O CAMAROTE DA PLACAR está na área!

No Camarote da Placar, você é o anfitrião. Convide seus parceiros de negócios, clientes e colaboradores, e marque um gol de placa!

Allianz Parque

Allianz Parque

Estádio do Morumbi

Estádio do Morumbi

Fale com o nosso time

camarote@placar.com.br

11 91782-7003